



SÉRIE
Comentário
Bíblico

MARCOS

O Evangelho do Servo de Jeová



MYER PEARLMAN

SÉRIE
Comentário
Bíblico

MARCOS

O Evangelho do Servo de Jeová



M Y E R P E A R L M A N

Todos os direitos reservados. Copyright © 1995 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Tradução: Gordon Chown

Capa: Alexander Diniz R. da Silva

CDD: 225.7 – Comentários

ISBN: 85-263-0020-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

6ª Edição 2005

Índice

1. O Batismo de Jesus	7
2. Um Dia de Milagres em Cafarnaum	19
3. A Cura de um Paralítico	29
4. O Chamamento dos Doze Discípulos	39
5. Acalmando Duas Tempestades	49
6. A Cura da Filha de Jairo	57
7. Alimentando os Quatro Mil	67
8. Ouvidos e Olhos Abertos	79
9. Cristo e as Crianças	87
10. Almejando a Primazia	95
11. O Getsêmani	105
12. A Crucificação	115
13. A Ressurreição e a Grande Comissão	125

O Batismo de Jesus

Introdução

O estudo do Evangelho de Marcos revelará os seguintes fatos: 1) sua exigüidade - é o mais breve dos Evangelhos; 2) os atos de Jesus são enfatizados mais que seus discursos; 3) a introdução é suscinta, consistindo de um só versículo; 4) palavras tais como “imediatamente” e “logo” são encontradas por todo o livro. Estes fatos são uma indicação da natureza do evangelho ora em estudo.

Marcos é o “Evangelho da Ação”, mostrando Jesus como o Servo do Senhor, labutando incansavelmente na esfera da redenção do homem. A mensagem, ou tema, do livro, pode ser resumida com as palavras de 10.45: “Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos”. Alguns estudiosos vêem Jesus neste Evangelho como o Poderoso Conquistador, levando adiante sua campanha para a libertação da raça humana de toda a morte e pecado.

O trecho, em estudo, mostra como o Obreiro preparava-se para a obra: mediante o ministério de João Batista entre o povo; e pelo revestimento de poder espiritual vindo do alto. Primeiro, João Batista preparou o povo para Cristo; depois, preparou Cristo para o povo.

I- O Povo Preparado para Cristo (Mc 1.1-8)

1. A pessoa e o caráter de João. Ler Lucas 1.5-25 e 57-80. João Batista, em virtude de sua ascendência, poderia ter exercido o sacerdócio no Santo Templo, mas sentiu que outra era sua vocação: ser profeta - homem inspirado que fala ao povo em lugar de Deus. Na verdade, João era mais que um profeta, pois teve o privilégio de ser o precursor do Messias. Ele fez a ponte entre a Antiga e a Nova Aliança, e apresentou Cristo à nação de Israel.

O versículo seis mostra quão abnegado foi João Batista em relação aos interesses deste mundo. Seu protesto contra as extravagâncias de seus contemporâneos, e o peso que sentia em consequência dos pecados da nação israelita, levaram-no a adotar o asceticismo - termo teológico que designa abnegação total. Em cada período da história têm havido pessoas que assim protestaram contra a corrupção. O modo de vida dos recabitas (Jr 35) constituiu-se num grito contra a corrupção de Jerusalém, e um apelo ao retorno à vida simples dos patriarcas e dos israelitas que colonizaram a terra de Canaã. O modo de vida de Elias também foi um silencioso protesto contra os excessos e sensualidades que acompanhavam a adoração a Baal.

2. A missão de João. Sua obra era de precursor: promover o reavivamento espiritual de Israel, e, assim, preparar a nação à vinda do Messias.

Conforme está escrito na profecia de Isaías: “Eis aí envio diante da minha face o meu mensageiro, o qual

preparará o teu caminho”. Naqueles dias, antes de um rei visitar uma cidade, engenheiros iam adiante dele a consertar as estradas por onde passaria a comitiva real. João era esse engenheiro . O trabalho dele era preparar o coração do povo para receber o Messias. Assim como os engenheiros nivelavam as estradas, João encorajava os desanimados, e abatia os orgulhosos, levando-os a se aprontarem à chegada do Messias.

“Voz do que clama no deserto”. João era um arauto; limitava-se a anunciar a chegada do Cristo. Antes de o presidente fazer um pronunciamento, pelo rádio, é anunciado pelo locutor oficial. Depois disso, o apresentador simplesmente sai de cena. João, de igual modo, não passava de um arauto; feito o anúncio, retirar-se-ia para que o Messias pudesse agir por si mesmo.

Acerca de João Batista, fora anunciado que ele habilitaria para o Senhor um povo especial (Lc 1.16,17). Quando um candidato à Presidência da República vai visitar uma cidade, o líder político local prepara os “apoiadores” para que proporcionem uma recepção à altura ao postulante à suprema magistratura do país. Da mesma maneira, quando o Senhor Jesus apareceu, havia um grupo de seguidores prontos a segui-lo - israelitas piedosos que ansiavam e oravam pela chegada do Reino de Deus, que organizaria a nação hebréia segundo o ideal do ensino profético.

A mensagem de João, semelhante à de Elias, preparava o grupo de onde Jesus tiraria os primeiros discípulos e os apóstolos.

Era natural que, no começo, alguns dos seguidores de João, não tendo a mesma visão que ele mesmo tivera, se ressentissem ao vê-lo eclipsado pelo estranho que viera da Galiléia. João aplacou tais ciúmes, explicando que ele era apenas o “amigo do noivo” - o homem que conduz os nubentes, planeja e supervisiona o casamento; em segui-

da, desaparece, deixando o casal a desfrutar as venturas matrimoniais. A obra principal de João limitava-se a conduzir a noiva (Israel) e o noivo (o Messias) nos caminhos que o Senhor Deus traçara em sua presciência (Jo 3.25-30).

3. *O anúncio de João.* “Está próximo o reino dos céus” (Mt 3.2). A expressão “reino dos céus”, ou “reino de Deus”, significa que Deus está a reinar sobre uma nação ou sociedade. O reino de Deus tem origem na aurora da história humana. Depois que os descendentes de Caim constituíram sua ímpia civilização, um grupo de fiéis começou “a invocar o nome do Senhor”. Durante este período, o reino circunscreveu-se à forma patriarcal, até que a Lei foi revelada no Monte Sinai. Nesta ocasião, o reino assumiu uma organização nacional. O reino de Deus foi manifestado através de uma nação que reconheceu a Jeová como seu Rei, e adotou suas leis como a única regra de fé e prática.

Deus, no entanto, deseja que o seu reino abranja outras nações. Por isso, prometeu enviar-lhes o Messias a fim de introduzir, por intermédio deste, uma forma avançada de seu reino: espiritual e universal. Foi esta a etapa que João anunciou, e para a qual exortava o povo a que se arrependesse. Mas, por ter a nação judaica se recusado a avançar com Deus, foi-lhe tirado o reino (Mt 21.43) e entregue a outro povo (At 15.14; Rm 9.26; 1 Pe 2.9). Quando da segunda vinda de Cristo, o reino será exterior e universal; controlará cada esfera da atividade humana.

4. *A exortação de João.* João batizava no deserto, pregando o batismo de arrependimento para a remissão de pecados, cf. Mt 3.7-10. João sabia que o problema dos judeus era que já se consideravam membros do reino, e, portanto, achavam desnecessário se preparar para a sua próxima fase. Já eram israelitas natos. Abraão era o seu pai. Eram “filhos da aliança”. João, por conseguinte, viu-

se obrigado a, praticamente, excomungar a nação hebréia. Em primeiro lugar, denuncia-lhe os pecados e, em seguida, a convida a entrar pela porta do arrependimento. A expressão “reino de Deus” deixara a nação judaica emocionada, mas a palavra “arrependimento” não teve muito efeito. A maioria do povo considerava o reino apenas do ponto de vista político, e não espiritual. “Arrependem-se dos nossos pecados? Nada disso! Somos descendentes de Abraão e nada há de errado conosco (Jo 8.33). É dos romanos que precisamos nos ver livres”. Assim pensavam os israelitas.

5. *O batismo de João.* Os judeus estavam familiarizados com as abluções cerimoniais. Era uma nação de sacerdotes (Êx 19.6); tinham muito contato com o templo do Senhor. Qualquer impureza excluía-os do santuário. E o caminho da restauração passava pelo oferecimento de sacrifícios e pela lavagem em água. Quando um gentio, por exemplo, resolvia deixar o paganismo para abraçar a Lei de Moisés, somente seria aceito na comunidade israelita por um rito de iniciação: batismo ou imersão em água, significando já estar limpo de todas as poluições pagãs.

Parece que João, ao exigir a submissão ao batismo, colocava os judeus no mesmo nível dos pagãos; declarava-os impuros e necessitados de arrependimento. Sua pregação estava de acordo com a de outros profetas, que haviam declarado que a restauração de Israel seria precedida por uma renovação espiritual (Ez 36.24-27; Zc 13.1). O que dizer de Nicodemos que já se julgava dentro do reino? Foi necessário o Senhor Jesus dizer-lhe que, apesar de ser um estudioso da Lei e dos Profetas, necessitava passar por uma renovação espiritual, precisava nascer de novo (Jo 3).

O convite ao batismo era também um apelo ao arrependimento. Com a ajuda de uma imaginação reverente,

podemos descrever o cenário. Uma grande multidão reunida junto ao rio onde João está batizando. Na conclusão do apelo, podemos imaginar o teor de sua mensagem: “Todos os que verdadeiramente se arrependeram de seus pecados; todos os que desejam estar prontos para o reino; e, todos os que desejam ter um encontro com o Ungido do Senhor - venham à frente e demonstrem o seu arrependimento, batizando-se nestas águas. Foi assim que o Senhor me mandou fazer. Lavem-se e sejam purificados” (Is 1.16).

6. O Sucessor de João. João Batista logo adquiriu a reputação de ser um grande profeta. E, se o quisesse, poderia ter fundado um poderoso movimento em torno de seu nome. No entanto, jamais se esquecera de que era apenas um arauto ou precursor. “Após mim vem aquele que é mais poderoso que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as sandálias” pregava. Estava ciente que, ao chegar o Messias, ninguém mais voltaria as atenções sobre si. João Batista reconhecia as limitações de seu ministério. Só estava autorizado a conclamar o povo ao arrependimento; não podia mudar os corações ou satisfazer os anseios espirituais de seus ouvintes; não tinha poder de conceder o Espírito Santo que haveria de ser derramado em resposta à petição de Cristo (Jl 2.28). “Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo”.

II - Cristo Preparado para o Povo (Mc 1.9-11)

Certo dia, um jovem carpinteiro de Nazaré sentiu um impulso que, conforme reconheceu, era a voz do que o enviara à Terra - o Pai Celeste. Deixando de lado as ferramentas, disse à sua mãe: “É chegada a minha hora. Preciso tratar dos assuntos de meu Pai”.

A Voz levava-o para junto do Jordão, onde João estava a batizar.

A Bíblia não nos informa se João e Jesus se conheciam antes. Provavelmente, levavam vidas separadas: Jesus, em Nazaré; e, João no deserto da Judéia. Sabemos porém que, quando Jesus se apresentou para o batismo, João sentiu imediatamente a presença dAquele que não tinha quaisquer pecados a confessar. Como o Batista se recusasse a batizá-lo, Jesus assim aquietou seus protestos: “Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça”.

Consideremos o significado do batismo de Jesus:

1. Seu relacionamento com João. Como fora enviado para apresentar o Messias a Israel, João naturalmente queria ter certeza de estar lidando com a pessoa certa. Talvez tivesse orado assim: “Senhor Deus, como o conhecerei a fim de apresentá-lo à nação?” E uma voz do céu lhe respondeu: “Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo” (Jo 1.33). Quando Jesus apareceu, João já se achava convicto quanto à sua pessoa; essa sua convicção foi corroborada ao ver o Espírito descer sobre Cristo em forma corpórea como pomba; era o sinal *externo*.

2. Seu relacionamento com Jesus. Tendo João a princípio se recusado a batizá-lo, Jesus viu-se na contingência de explicar-lhe que era necessário cumprir toda a justiça, pois, como Messias, viera sob a Lei (Gl 4.4). Portanto, teria de dar exemplo de plena obediência à Lei diante da nação israelita. Além disso, queria endossar, também pelo seu exemplo, ser o ministério de João proveniente do céu (Mt 21.25).

Ao ser batizado, Jesus ingressa numa nova época em sua vida; dá início ao seu ministério ativo. Não há registro algum que Ele tivesse curado ou pregado antes desse período. Estava em Nazaré, esperando a hora que o Pai lhe marcara. Assim como o batismo, que Ele mesmo instituiria, marca a separação entre a velha e a nova vida,

o batismo que lhe ministrou João assinalou-lhe o término da vida particular e o início do ministério público.

3. *Seu relacionamento com a humanidade.* Tem-se ensinado que Jesus submeteu-se ao batismo de arrependimento para beneficiar-nos já que Ele não tinha pecado algum. Noutras palavras: foi batizado como nosso representante, assim também como nosso representante seria crucificado. Há uma delicada sugestão no fato de o Santo de Deus ter-se indentificado com a humanidade pecadora: “E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus” (Lc 3.21). “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós” (2 Co 5.21).

4. *Seu relacionamento com o Pai.* Embora Filho de Deus, vivia Jesus uma vida perfeitamente humana, mas em plena comunhão com o Pai Celeste. Várias vezes ouviu a voz de Deus, encorajando-o a continuar o longo e duro caminho do Calvário. Haja vista o que aconteceu em seu batismo, na Transfiguração e na agonia do Getsêmane (Jo 12.27,28).

Jesus fora designado, desde a mais remota eternidade, para ser o Cristo, o Ungido. Mas somente se investiria de seu ofício após o batismo em águas e a descida do Espírito Santo sobre si. Dessa forma, daria por inaugurado o seu ministério público (At 10.38; Lc 4.18,19). Sua unção diferia da dos profetas; nestes era intermitente; em Cristo permanente e constante. Nunca houve um momento em que Ele não estivesse sob a influência do Espírito. O Espírito Santo veio sobre os profetas, mas *permaneceu* sobre Cristo (Jo 1.33).

O Espírito Santo desceu sobre Jesus como forma corpórea de uma pomba para que João pudesse identificá-lo como o Messias. O emblema é bastante apropriado, pois a pomba, entre os pássaros, tem a mesma correspondência que o cordeiro em relação aos outros animais. Ela

é gentil, tenra e sem malícia. É o símbolo do poder exercido com ternura.

Aos doze anos, Jesus já estava plenamente consciente acerca da natureza de sua missão. E, agora, no ato do batismo, recebe a *confirmação externa*. “Então foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo”. Noutras palavras: “Continua sem hesitação, porque tu és o Filho de Deus. Teus atos são corroborados nos céus” (Is 42.1-4; Sl 2).

III - Ensinaamentos Práticos

I. A essência do Evangelho. “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”.

A palavra “evangelho” significa literalmente “boas novas”. Sua essência pode ser assim sumariada: Deus, na pessoa de Cristo, veio ao mundo para libertar a humanidade do jugo do pecado. E a sua substância é composta pelos ensinamentos que Jesus ministrou acerca de nossa salvação, e pelo que Ele fez para nos-la obter.

Terminada a guerra civil americana, achavam-se uns soldados escondidos num bosque, sobrevivendo com frutinhas silvestres e água. Não sabiam que a guerra chegara ao fim. Mas para sair daquela situação, era mister crer nas boas notícias: A guerra chegara ao fim.

Milhões de homens, mulheres e crianças estão a viver amedrontados, alimentando-se dos detritos do mundo; acham que não existe nada de melhor para eles. Ainda não sabem que a guerra contra o pecado já foi vencida por Cristo e, que agora, podemos usufruir de uma paz singular. Eles têm de saber que Jesus morreu para libertá-los do pecado!

Certa menina pobre ficou doente, e foi levada ao hospital, onde ouviu falar de Jesus. Jamais ouvira história tão linda! Certo dia, perguntou enfermeira: “A senhora já

ouviu a história do nascimento de Jesus?”. “Sim”, respondeu a enfermeira. Então a menina replicou: “Pela sua aparência pensei que ainda não a tivesse ouvido.” “Qual é a minha aparência?” perguntou a enfermeira. “Oh, como a da maioria das pessoas, meio tristonha. Pensava que ninguém ficaria triste se conhecesse a história de Cristo”.

Sinos de alegria repicam nos corações dos que realmente “crêem no evangelho”.

2. *O arrependimento, precursor da fé.* “João pregava o batismo do arrependimento”. O Evangelho são as Boas Novas; leva-nos a ver nossos pecados à luz da santidade divina. Se o pecado fosse uma enfermidade que pudesse ser tratada pela medicina, não necessitaríamos recorrer ao Evangelho. Quando porém vemos quão terrível julgamento aguarda os que se entregam ao pecado, conscientizamo-nos de que não há outro remédio senão aceitar a Cristo como nosso único e suficiente Salvador. Reduzida a termos mais simples, a receita do Evangelho é: “Arrepende-te e crê; vê o teu pecado; aproxima-te de Cristo, Redentor nosso”.

3. *Preparando o caminho.* João Batista batizava no Jordão os que o procuravam, mas não tinha poder de vivificá-los internamente. Sua missão era prepará-los Àquele que lhes podia dar vida espiritual.

À semelhança de João Batista, age o obreiro cristão. A ninguém pode salvar, nem batizar no Espírito Santo. No entanto, tem autoridade para preparar o caminho que conduz o pecador ao Calvário. Pregar, testemunhar, distribuir folhetos - são alguns dos meios que podemos usar para levar os que jazem sem esperança ao Senhor Jesus.

4. *A importância do batismo na água.* Como sinal externo de identificação com Cristo, o batismo nas águas foi considerado de máxima importância à Igreja Primitiva. A julgar pelo livro de Atos, era administrado logo após a conversão. Isto era natural, porque Cristo o orde-

nara como um dos ritos distintivos da Igreja. No período que se seguiu à era dos apóstolos, a importância do batismo passou a ser exagerada em certos lugares, a ponto de ser considerado indispensável à salvação. Por conseguinte, os moribundos que não podiam ser imergidos eram batizados por aspersão (batismo clínico). Tal costume muito contribuiu para difundir a prática da aspersão..

Em certos arraiais evangélicos, temos a impressão de se estar caminhando hoje em direção a outro extremo. Muitos há que consideram o batismo um assunto de somenos importância. Mas a lição que Cristo nos deixou foi esta: Ele não menosprezou o batismo de João, e como o faríamos nós?

5. Reconhecendo nossas limitações. João Batista reconhecia suas limitações. Poderia ter cativado a popularidade das multidões, pois tornara-se evidente ser ele um profeta com as mesmas qualidades de Elias. De maneira honesta e clara, afirmou: “Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu”. Ele sabia que só podemos ser fortes dentro de nossas limitações. Não é seguro arriscar-nos além dos nossos limites. Alguém pode ser perito em moldurar quadros, mas aí dele se de repente se pusesse a pintar. Muitos pregadores humildes são poderosos por causa de sua simplicidade; caso porém tentem ser “grandiosos”, experimentarão fracasso sobre fracasso. Os que conhecem a sua esfera de atuação e a respeitam, alcançam os êxitos almejados.

6. João, nosso exemplo de humildade. “Do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias”. Quando alguém está convicto de que os companheiros lhe são inferiores, não lhe é difícil aceitar um lugar humilde; não há motivos para ciúmes. O teste vem quando se é obrigado a se comparar com alguém que possui talentos evidentemente superiores. Surgem então os conflitos e ciúmes. Os melhores cristãos vêem-se coa-

gidos a lutar contra esta tentação. Certo pregador escocês confessou que era com dificuldade que dominava o “velho Adão”, principalmente ao perceber a popularidade de seu pastor assistente.

João não sentia quaisquer ciúmes de Cristo, pois considerava a causa divina maior que seus interesses pessoais. Se tivermos zelo por uma boa causa, sentiremos sincera alegria quando alguém a promover de forma mais proficiente que nós.

A humildade não nos faz menores do que realmente somos. Vemos que João jamais negou ser o precursor de Cristo, mas quando indagado não vacilava em afirmar: “Importa que ele cresça, e que eu diminua”. Humildade é comparar-nos a alguém que é melhor e maior que nós, reconhecendo que, afinal das contas, não somos tão importantes assim.

7. *A convicção da aprovação divina.* A experiência de nosso Senhor no Jordão vai além de qualquer coisa que poderíamos experimentar nesta vida. Mas, hoje, podemos usufruir de todo aquele gozo porque Ele veio conquistar-nos um lugar de honra nas regiões celestiais.

Aqueles que colocam a vontade de Deus em primeiro lugar, experimentarão um senso íntimo da aprovação divina. Aprenderão que tudo quanto se faz para a glória de Deus é seguido por evidências sempre maiores do favor divino.

Um Dia de Milagres em Cafarnaum

Texto: Marcos 1.21-34

Introdução

Não obstante já ter ouvido a voz de Deus, Jesus só poderia entrar para o serviço ativo depois de ouvir e enfrentar a voz de Satanás. Agora é levado ao deserto para ser submetido a outro batismo: a tentação. O inferno será descerrado diante de si. Satanás sabia muito bem que: “Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo” (1 Jo 3.8). Satanás tinha (e tem) medo da unção de Cristo, pois significava a derrota de seu reino e a libertação dos cativos. Portanto, fez várias tentativas (algumas bem sutis) para persuadir o Filho de Deus a adotar outro curso de ação e a empregar métodos que o descaracterizariam como o Messias. Noutras palavras, disse o tentador ao Senhor Jesus: “Alimenta as multidões de modo milagroso; fica de bem com as autoridades do Templo; emprega métodos bélicos para libertar a Israel do jugo romano”. A política que Satanás esboçou para Cristo não tinha nada de divina; era puramente humana e terrenal.

O Espírito Santo, que jazia sobre Cristo, deu-lhe entendimento no temor do Senhor (Is 11.3) para enfrentar todas as investidas do adversário. Jesus repudiou todas as ofertas de Satanás, pois, embora parecessem o caminho mais fácil, representavam o fracasso total de sua vinda a este mundo.

E mais uma vez Deus revelou o seu beneplácito. Ao sair das águas do Jordão, Jesus viu os céus abertos; e, agora, ao pairar sobre as inundações das investidas satânicas, anjos vêm-lhe ao encontro para o servirem (Mc 1.13). O Obreiro já estava pronto a executar a sua tarefa; a unção que recebera no ato do batismo logo se evidencia no poder que acompanharia todo o seu ministério.

I - A Autoridade da Pregação de Cristo (Mc 1.21,22)

“Depois entraram em Cafarnaum; e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga.” A sinagoga deve ser distinguida do templo. O templo era destinado aos sacrifícios e rituais, enquanto as sinagogas (literalmente “casas de reunião”) assemelhavam-se às nossas igrejas - eram lugares de oração e de pregação. Havia um só templo, mas as sinagogas podiam ser encontradas, não somente em Israel, mas em quase todos os países do mundo antigo. Antes do estabelecimento do Cristianismo, o Judaísmo era a única religião que pregava a verdadeira fé em Deus. E as sinagogas, espalhadas pelo império romano, tornaram-se estações missionárias, onde milhares de gentios puderam entrar em contato com o Deus único e verdadeiro.

Jesus estava acostumado a freqüentar a sinagoga, porque, vindo a este mundo sob a lei (Gl 4.4), cumpriu todos os deveres pertinentes a um israelita piedoso. Se alguém lhe dissesse: “Mestre, não precisas de instrução, pois sa-

bes mais que os escribas”, com certeza ter-lhe-ia respondido: “Assim nos convém cumprir toda a justiça”.

Com certeza a reputação de Jesus como pregador já era considerável, porque foi convocado a assumir o púlpito para expor a Palavra de Deus. Tal função era exercida geralmente pelos escribas e doutores da Lei, mas suas pregações enfastiavam o povo: consistiam em desinteressantes citações de antigos e renomados mestres. Quando, porém, Jesus começou a falar, logo todos se voltaram para ele: “Maravilharam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas”.

As palavras pronunciadas por Cristo permeavam as almas presentes com a força da autoridade divina. Não era apenas o que dizia, mas como Ele o dizia, que causou tão grande impressão. Havia nEle algo que emprestava nova vida aos textos bíblicos. O Senhor infundia nova luz às passagens que, embora tão conhecidas, haviam sido sufocadas pelo tradicionalismo da religião judaica. Não havia quem não se impressionasse com a autoridade de suas declarações.

Quando os profetas começavam suas mensagens, usavam a expressão “Assim diz o Senhor”. Isto significava que as palavras a serem proferidas não eram deles, mas de Deus. Jesus, porém, falava assim: “Ouviste que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo”. Um escritor judaico declarou que o seu tom não era o de um mero profeta, mas do próprio Deus onipotente em pessoa. Mesmo os grosseiros policiais do templo foram forçados a confessar: “Jamais alguém falou como este homem” (Jo 7.46).

II - O Poder da Palavra de Cristo

(Mc 1.23-28)

- O incidente seguinte comprova que Jesus era poderoso em *atos* e não somente em *palavras*.

1. *O pedido do demônio.* Depreendemos pelo texto que, antes de Jesus ter completado seu discurso, um grito horrível foi ouvido: “Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para prender-nos? Bem sei quem és, o Santo de Deus!” Com certeza aquele homem, oprimido por uma terrível possessão demoníaca, vira, em Jesus, alguém que podia libertá-lo. E, enquanto avançava em direção a Jesus, os demônios se agitaram dentro dele causando todo aquele tumulto. O pobre homem estava completamente controlado pelo espírito imundo. As palavras denotavam três coisas: o repúdio a Cristo; a autoridade de Cristo sobre os espíritos maus; e o reconhecimento da santidade de Cristo. Santidade esta que leva os espíritos impuros ao desespero e ao ódio.

A possessão demoníaca não é disfunção orgânica ou física, ou qualquer tipo de alucinação ou enfermidade mental, nem uma perturbação nervosa, conforme ensinam os críticos racionalistas. É um mal que atinge diretamente a alma. A presença dum demônio no homem não absorve nem destrói a sua personalidade. A individualidade é indestrutível e inviolável. Nem o próprio Deus, que poderia, num abrir e fechar de olhos, destruir todas as coisas, permite que tal aconteça. As ações satânicas, por mais violentas que se mostrem, não conseguem afetar a essência das faculdades humanas.

O possesso tem sua liberdade temporariamente suspensa pelo demônio; este priva-o do controle normal de seu corpo, fala através de sua boca e perturba-lhe os sentimentos e a razão. O estado anormal de suas faculdades mentais, repetimos, não se deve a uma condição doentia do cérebro nem a distúrbios orgânicos; nasce da atuação do maligno; é o resultado, não a causa. Daí, a pessoa possuída estar além do alcance da medicina; a cura somente pode ser efetuada pela autoridade no nome de Jesus.

A possessão demoníaca deve ser diferenciada da insanidade mental (os “lunáticos” de Mt 4.24), que pode ter como causa uma enfermidade do cérebro ou do corpo.

2. *A ordem severa.* “Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai desse homem”. Tendo ensinado com autoridade, Jesus agora age com autoridade. A confissão que o demônio fez quanto à natureza de Cristo ilustra as palavras de Tiago 2.19: “Os diabos também crêem, e tremem”. Sua confissão fora forçada, porque a autoridade e o poder de Cristo estavam bem presentes. Conferir Fp 2.10,11. O Senhor, porém, não quis receber testemunho de fonte tão impura; deseja testemunhos daqueles cujas vidas adornam os ensinamentos por Ele ministrados. Por exemplo, que impressão causará se um homem, completamente embriagado, testificar publicamente do poder de Cristo?

3. *A admiração do povo.* “Todos se admiravam, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? uma nova doutrina! com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!” Sem dúvida, os escribas já haviam elaborado teorias acerca da possessão demoníaca. Mas lá estava Aquele que punha em prática o que pregava e ensinava! A Igreja dá-se por bem-aventurada quando seus membros praticam o que os profetas e apóstolos ensinaram.

III - A ternura do toque de Cristo (Mc 1.29-34)

A unção que veio sobre Jesus era de fato o espírito de poder. Vejamos como o Espírito Santo desceu sobre o Senhor. Veio em forma de pomba, o que nos dá a entender que a virtude do Espírito é também administrada com ternura. Este aspecto é revelado na cura que Jesus operou na sogra de Pedro. Sendo informado de que ela ardia em febre, encaminhou-se à sua cama, tomou-a pela mão, e suavemente restaurou-lhe a saúde. A cura foi completa e perfeita. Naquele mesmo instante, pôs-se ela a servi-los.

A febre não a deixou em estado de fraqueza, como seria de se esperar.

A manifestação de poder era a única “propaganda” de que Jesus precisava. “Correu célebre a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galiléia”. Quando o cair do sol marcou o término do sábado, e as pessoas sentiram-se liberadas a viajar e carregar fardos, “trouxeram a Jesus todos os enfermos, e endemoninhados. Toda a cidade estava reunida à porta. E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades, e também expelia muitos demônios.”

Não é de se admirar que Satanás procurasse colocar obstáculos às atividades de Jesus. O adversário sabia estar perdendo o controle sobre as almas e os corpos dos homens. Mas a preocupação imediata do Mestre, após ter sido ungido, era conservar a unção, pois achava-se operando nos limites da natureza humana. O v. 35 diz como o Senhor conservava seu poder espiritual.

IV - Ensinaamentos Práticos

1. *Satanás vai à Igreja.* Segundo a crença popular, Satanás limita-se a freqüentar os lugares de vícios e iniqüidade. Mas o texto que ora consideramos, ensina que o adversário comparece também à casa de Deus; quando não o faz pessoalmente, manda seus representantes. Segundo Jó, ele chegou a freqüentar até o próprio céu. Paulo adverte-nos que Satanás se disfarça em anjo de luz para enganar o povo de Deus, e que seus ministros fazem-se passar por ministros de retidão (2 Co 11.13,14). A verdade é que o propósito principal de Satanás é destruir a igreja, seja pela perseguição (Ap 2.10) seja pela falsa doutrina (1 Tm 4.1,2). Ele sabe que, caso consiga tirar o poder ou o sabor do sal da terra, nenhuma outra força poderá barrar-lhe os passos.

O texto também sugere que, quando Cristo se faz presente, o diabo logo é desmascarado.

2. *Louco por falta de religião.* Para os ignorantes, a conversão a Cristo pode levar à loucura. Mas, no caso daquele endemoninhado, todo o seu mal havia sido gerado pela ausência de fé em Deus. O mesmo se pode dizer daqueles que são mentalmente perturbados. Carlo Gustav Jung, especialista em problemas mentais, que durante 30 anos tratou dos mais diversos pacientes, afirmou: “Entre todos os meus pacientes, não houve um cujo problema, em última análise, não fosse o de procurar encarar a vida de modo religioso”. Isto significa que todos aqueles homens e mulheres adoeceram por deixar a religião de lado. E nenhum foi realmente curado antes de ver restaurado seu ponto de vista religioso. Grande número de pessoas procurou-o, conforme relata, não por sofrerem de doenças mentais, mas porque não podiam descobrir qualquer significado para a vida. “Alguns pensavam que talvez eu tivesse alguma fórmula mágica, mas logo fui forçado a dizer que eu também não tinha qualquer resposta para dar”.

Mas Cristo tem a resposta. Ele veio dar significado à vida, e fazer com que a vida valha a pena ser vivida.

3. *Que temos nós contigo?* É exatamente assim que Satanás leva os seus cativos a bradarem: “Não nos perturbe com a religião! Pare de pregar! Leve daqui os folhetos! Deixe-nos em paz! Sem o saberem, tais pessoas pedem a “liberdade” para perecer em seus delitos e pecados. Não querem ser perturbadas com pensamentos sobre a morte, julgamento final e tormento eterno. Só querem que os seguidores de Cristo não as perturbem.

Tal “bondade” não deve ser concedida. Assim como Jesus trouxe paz àquele homem a despeito dos protestos

vociferados pelo demônio, assim também hoje o Espírito Santo derrete os mais endurecidos corações, convencendo-os do juízo, do pecado e da justiça.

“Deixe-nos” é a linguagem do mal quando se vê perturbado pelo Evangelho. “Insetos peçonhentos, que se escondem sob a pedra, fogem da luz quando alguém lhe descobre o esconderijo”, escreve o Dr. MacClaren. “Espíritos que amam as trevas acham a luz dolorosa. É possível reconhecer tudo quanto Jesus é e, não obstante, odiá-lo. Que estado miserável é o daquele que diz que nada tem com o Senhor Jesus”.

O pior dia para qualquer pecador é quando Deus, vendo-lhe a dureza do coração, diz: “Deixa-o” (Os 4.17).

4. *Quando o diabo é ortodoxo.* “Bem sei quem és: o Santo de Deus”. De acordo com o ponto de vista de Spurgeon, o diabo, neste incidente, está oferecendo condições. O falso espírito deve ter pensado: “Sim, deixarei este homem declamar o seu credo, mostrar-se ortodoxo, e talvez seja-me permitido ficar em paz. Este homem é correto em suas declarações. Portanto, o fato de eu habitar nele não deve ser coisa tão ruim assim. Estou disposto a admitir algumas das reivindicações de Cristo, desde que não interfira com meu domínio sobre esta pobre criatura”.

Muitas pessoas, zangadamente, declaram seu assentimento ao credo. Entretanto, recusam-se a aceitar a Cristo. E, quando questionadas acerca de seu dubio posicionamento, desculpam-se: “Creio na religião cristã, mas não acho necessário portar-me como fanático”.

5. *Conta para Jesus.* “E logo lhe falaram a respeito dela”. Uma maneira de se obter alívio sobre uma preocupação é contá-la a alguém; principalmente se este alguém for Jesus. Ele nos ouve e responde-nos às orações.

O instinto do coração devoto impulsiona-o a contar a Jesus todos os problemas, grandes ou pequenos. Sim, é só contar a Jesus o que está nos perturbando. É Ele quem

cura todas as nossas enfermidades, e alegra-nos a vida. Somente Ele proporciona-nos a verdadeira razão de viver. Com a luz de sua presença, tudo se torna suportável.

6. *Jesus ia à Igreja.* Jesus poderia ter apresentado muitas desculpas para ausentar-se dos trabalhos regulares da sinagoga: a falta de vida no culto, a formalidade da adoração, a sequidão espiritual dos escribas etc. Se o quisesse, poderia apresentar ainda a seguinte alegação: “Como o Mestre dos mestres, que necessidade tenho eu de ficar ouvindo os escribas e doutores da Lei?”

Jesus, porém, freqüentava regularmente a sinagoga. O texto que ora estudamos sugere uma razão: Ele freqüentava a sinagoga não por aquilo que podia *receber*, mas pelo que podia *dar*. Naquele sábado, fez um grande sermão e operou uma grande cura. Consideremos, pois, o exemplo de Jesus. Na casa de Deus, ajudamos nossos irmãos com a inspiração de nossa presença. Podemos cooperar também com a Obra de Deus com as nossas orações, finanças, palavra de conforto. Até mesmo o nosso aperto de mão muito pode contribuir com aqueles que se encontram tristes e afligidos por tantas lutas.

A Cura de um Paralítico

Texto: Marcos 2.1-12

Introdução

As curas operadas por Jesus representavam o transbordamento normal de sua personalidade. Sua compaixão estendia-se a todos os que padeciam de doenças e moléstias. Sua preocupação maior, no entanto, achava-se voltada às necessidades da alma humana. Para que a cura fosse efetuada, fazia-se necessário um vínculo entre Cristo e o paciente. Teria este de entregar a alma aos ensinamentos do Mestre com a mesma confiança que lhe havia confiado o corpo ao toque curador. Alguns dos mais leais seguidores de Cristo foram pessoas por Ele libertas de várias enfermidades. O texto que ora nos serve de base dá-nos um exemplo de uma cura radical e instantânea que abrangeu tanto o corpo como a alma.

I - O Sofredor Incapacitado (Mc 2.1-4)

O doente era um paralítico que, para se locomover, tinha de ser carregado por amigos.

1. *A fé deles.* Provavelmente já tinham ouvido falar de Jesus, ou visto os milagres por Ele operados, por isto acreditavam de todo o coração que o Cristo podia curar aquele parálítico. É evidente que este também tinha fé; doutra forma: não teria permitido que o levassem ao Mestre.

2. *Sua fidelidade.* A lei da intercessão capacita-nos a ajudar aos outros mediante a nossa fé e orações. Não foi isto que aconteceu com os homens que conduziram o parálítico a Cristo? Vejamos o caso de Ló. Embora estivesse comprometido de certa forma com Sodoma, não teve condições de ajudar nem a família, nem a si mesmo; foi alcançado, porém, pela graça de Deus mediante a intercessão de Abraão (Gn 19.29). Quando os israelitas pecaram por terem adorado o bezerro de ouro, só escaparam do juízo divino em virtude da oração intercessória de Moisés (Êx 32.7-14). O mesmo podemos dizer de Pedro. Não tivesse o Senhor Jesus orado por ele, o discípulo acabaria por ser penéirado por Satanás.

Quando alguém for atingido por uma incapacidade física ou espiritual, levemo-lo ao Senhor através da intercessão; para isto chamou-nos o Senhor Jesus Cristo.

3. *Sua sinceridade.* A passagem, que conduziria aqueles homens que traziam o parálítico a Jesus, achava-se obstruída por uma enorme multidão. Eles, porém, não permitiriam que quaisquer obstáculos os afastassem do Mestre. Onde há fé, sempre há um caminho aberto. Subiram ao telhado, fizeram neste uma abertura, e foram baixando o paciente até onde se achava o Senhor Jesus. A fé ultrapassa as dificuldades, pois vê *através* das dificuldades: vê a Deus.

II - O Compassivo Salvador (Mc 2.5)

“Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao parálítico: Filho, os teus pecados estão perdoados.” Aquele que escrutina os corações reconheceu de imediato:

1. *Fé*. Os que carregavam o doente não falaram uma palavra sequer. Não eram necessárias palavras; sua ação, e a condição do sofredor, já falavam por si mesmas. Dois elementos entram na iluminação elétrica: a própria corrente elétrica, invisível; e, a luz visível que se manifesta na lâmpada. De semelhante modo, dois elementos constituem o ato de fé: a invisível qualidade de fé que somente Deus pode ver, e a manifestação externa da fé que os presentes têm condições de comprovar. Cristo viu ambos os elementos.

2. *Desânimo*. Para que o enfermo vencesse o desânimo, disse-lhe Jesus: “Tem bom ânimo, filho” (Mt 9.2). Estas palavras resumem um dos propósitos pelos quais Jesus veio ao mundo - trazer ânimo e alegria. Eram mais que uma exortação; eram seguidas por um motivo que levaria o paralítico a animar-se: “Perdoados estão os teus pecados”. Quando o Senhor nos exorta a ter bom ânimo, sempre mostra o *como* e o *por quê* (Jo 16.33; At 23.11).

3. *Culpa*. Aqueles homens vieram com o propósito de obterem a cura física para o amigo. Mas ficaram surpresos quando o Senhor, deixando-a à parte, declarou perdoados os pecados do paralítico. É que o Mestre já havia detectado que aquele sofrimento era sintoma de uma enfermidade espiritual que lhe estava corroendo a alma; era consequência de uma vida pecaminosa (Jo 5.14; Tg 5.15). É inútil tratar os sintomas quando não se sabe a causa da doença. Não pode haver felicidade enquanto a consciência achar-se perturbada pelo pecado.

III - Murmuração dos Escribas (Mc 2.6,7)

“Mas alguns dos escribas estavam assentados ali e arrazoavam em seus corações: Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?”

1. A atitude crítica. Neste ponto de seu ministério, Jesus já incorrera na inimizade dos líderes religiosos por causa da franqueza de sua pregação e em virtude do sucesso fenomenal que ela vinha obtendo. Eles faziam-se presentes com o propósito de investigar o novo ensinador a fim de detectar alguma heresia em sua doutrina. Que contraste com o Mestre! Ele via a necessidade do homem, ao passo que eles só procuravam falhas e defeitos; Ele aliviava os fardos dos que se achavam sobrecarregados, eles faziam de tudo para atar suas pesadas cargas sobre os oprimidos.

2. A grave acusação. “Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?” A implicação na sua pergunta era parcialmente verdadeira e parcialmente falsa.

É verdade que somente Deus pode perdoar pecados. O *crime* é o mal em relação à sociedade; o *vício* é o mal em relação à moralidade; o *pecado* é o mal em relação a Deus. Já que o pecado é a prática do mal com relação a Deus, somente Deus pode perdoo-lo. O perdão é o derramamento do amor de Deus sobre o pecador; um amor que o homem, por causa de sua indignidade, deixara de sentir. Somente Deus pode derramar este amor tão maravilhoso.

Não tinham razão para acusar a Cristo de blasfêmia. Por causa de seu relacionamento singular com Deus, e de sua autoridade divina, tinha poder para perdoar pecados. Na realidade, foram os *escribas* os blasfemos. Lucas testifica indiretamente da divindade de Cristo, quando diz que seus inimigos falavam contra Ele “blasfemando”: só se pode blasfemar de um ser divino.

IV - Poderoso Curador (Mc 2.8-12)

1. O discernimento. “E Jesus, percebendo logo por seu espírito que eles assim arrazoavam, disse-lhes: Por que arrazoais sobre estas coisas em vossos corações?” O fato

de Cristo ler os pensamentos deles deve tê-los convencido de que o Senhor era mais do que um mero ensinador. Tal capacidade de conhecer era uma das marcas do Messias (Jo 2.15; 16.19,30; Ap 2.23). Os próprios rabinos reconheciam esse fato. Os antigos escritos judaicos registram o seguinte incidente com respeito ao desmascaramento do falso Messias Barcoseba, surgido no começo do século II d.C. “Barcoseba reinou durante dois anos e meio. Disse aos rabinos: Eu sou o Messias. Responderam: Está escrito com respeito ao Messias que Ele é rápido de entendimento e que julga (Is 11.3); vejamos se este nos pode informar quem é culpado ou não, sem provas externas. E quando perceberam que não tinha esta capacidade, mataram-no”.

2. *O desafio.* “Qual é mais fácil, dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito, e anda?” Os escribas arrazoavam: “Ser-lhe-á fácil dizer que os pecados deste homem estão perdoados. Mas como poderemos averiguá-lo? Não é tarefa difícil fingir o que não pode ser comprovado”. Noutras palavras: negavam que houvesse poder na palavra de Jesus. Conhecendo os pensamentos deles, Cristo demonstra que pode fazer o que parece impossível. Curando o coxo com uma só palavra, O Senhor Jesus deixa entendido que também pode curar a alma.

3. *A reivindicação.* “O Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados.” Se Cristo fosse um ensinador meramente humano, ou um pregador comum, certamente teria evitado qualquer mal-entendido. Teria dito: “Não estão me entendendo. Sei que somente Deus pode perdoar pecados. Estava apenas anunciando, de forma ministerial, que Deus perdoou o homem”. Ou: “Estava apenas orando para que Deus perdoasse o paralítico”.

Cristo, no entanto, não proferiu nenhuma explicação dessa ordem. Segue-se, portanto, que Ele declarou ter

autoridade para perdoar-nos os pecados. Ou seja: Cristo tinha (e tem) os mesmos atributos de Deus. Conseqüentemente, ou era um blasfemo conforme haviam sugerido os escribas, ou era o próprio Deus manifesto na carne. Não há meio termo. A primeira explicação é inconcebível; a segunda, a única verdadeira.

A expressão “Filho do homem” era usada por Cristo para descrever seu relacionamento com a humanidade. No seu relacionamento com o Pai, Ele é o Filho de Deus. Identificando-se com a humanidade, torna-se o seu representante por excelência. Ele é tratado por Paulo como o segundo Adão; o primeiro Adão também era representante da raça. A expressão está vinculada à sua vida terrestre (Mc 2.10; 2.28; Mt 8.20; Lc 19.10), aos seus sofrimentos e morte em prol do homem (Mc 8.31) e à sua exaltação e domínio sobre a humanidade (Mt 25.31; 26.64).

4. *A cura.* “Levanta-te...e anda”. Este mandamento não poderia ser cumprido pelo paralítico noutra circunstância. Mas Cristo sempre nos dá poder para executar o que Ele nos determina. Nosso papel é obedecer. O homem levantou-se da cama portátil, e a mesma multidão que impedira-lhe a entrada, agora abria-lhe caminho. Fora trazido a Cristo carregado num leito - símbolo de sua incapacidade espiritual. No entanto, deixava o local carregando o mesmo leito, mostrando a obra que o Senhor realizara em sua vida. O que entrara pelo telhado, saía pela porta.

“A ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: Jamais vimos coisa assim”. Magnífico testemunho do caráter do ministério de Cristo! Sua vida perfeita, sob a orientação de Deus, emprestou a todos os seus atos, um aspecto de sua individualidade celestial.

V - Ensinaamentos Práticos

1. Destruindo a raiz do sofrimento. Jesus parecia deixar de lado, por um breve momento, o sofrimento físico daquele homem para falar-lhe acerca de seus pecados. Houvesse presente lá algum cético, com certeza teria objetado: “Este paralítico não lhe veio fazer perguntas sobre *religião*, ele quer ver-se livre de sofrimento. Deixe a religião para depois”. Entretanto, Jesus sabia o que estava fazendo. Enfrentava o mal que era a causa de todos os males que atormentam o ser humano: o pecado. Curando-se o pecado, o coração se transforma em um templo, e o mundo num paraíso.

Não devemos desprezar os esforços para tornar o ser humano melhor e mais próspero. Todavia, só existe uma saída para se curar as misérias do mundo: a regeneração do coração humano.

2. A verdade importa mais que os preconceitos. Os escribas pareciam muito zelosos da honra divina. Mas esse “zelo” não passava de uma capa para resguardar o seu espírito de crítica. Sua objeção tinha como real motivo o ódio e os ciúmes que nutriam contra o Senhor Jesus. Eles não conseguiam ver as evidências do poder do Evangelho. Alguns narizes só conseguem perceber maus cheiros; jamais captaram a fragrância dos perfumes.

Afetos ou ódios pessoais tendem a torcer o juízo. Se alguém gosta de outra pessoa, é natural que goste de tudo quanto ela diz ou faz; chega até a ignorar-lhe as falhas. Mas se a odiar, põe em dúvida tudo quanto ela faz ou diz. O amor à verdade deve ser tão forte no filho de Deus que transcenda todas as considerações pessoais.

3. Cristo no lar. “E logo correu que ele estava em casa”. Embora procurasse descansar, Jesus não podia passar despercebido (Mc 7.24). A fragrância de sua divina presença tomava todo o ambiente; e, dentro em breve,

os necessitados vinham ao seu encontro. Quando Cristo se encontrava nalguma casa, a vizinhança logo ficava sabendo.

Assim acontece hoje. Quando Cristo é honrado num lar, quando a Bíblia é lida e a família se reúne em orações, o impacto é notário. Homens bons serão melhorados, homens maus tornam-se bons. E a bênção divina estará sempre presente.

4. *A vontade que abre caminhos.* Como poderiam aqueles homens que levavam os paralíticos vencer a multidão e aproximar-se de Jesus? Eles, porém, tinham uma vontade forte; e, por detrás daquela vontade, havia o poder da fé. Tudo isso formou a cunha que abriu o caminho até Cristo.

Se não quisermos ir à igreja, multidões de desculpas virão ao nosso encontro. Se quisermos ir, os obstáculos hão de se derreter diante do calor de nossa vontade, assim como as neblinas se dissolvem ao sol.

Se alguém quer chegar-se a Cristo, nada poderá o impedir. Mas, caso não o queira, com certeza as desculpas hão de se acumular. Nesse caso, é mister submeter a sua vontade a uma vontade mais alta e orar: “Senhor, dispõe-me a ser disposto”.

5. *Atravessando o eclesiasticismo para chegar ao Cristo vivo.* Os quatro homens entraram pelo telhado, porque as portas da casa achavam-se bloqueadas. Temos aí um exemplo dos que, apesar de buscarem a Deus, não podem chegar-se a Cristo, pois as portas da Casa de Deus encontram-se bloqueadas por teólogos profissionais e sem vida espiritual.

João Wesley viu que o caminho da evangelização estava bloqueado pela igreja estabelecida. Por isso saiu aos campos abertos para pregar às massas. Tal método horrozou os eclesiásticos da época, mas a obra foi feita.

George Fox, fundador dos “Quacres”, percebeu estar a formalidade da igreja inglesa servindo de empecilho a uma experiência íntima com Cristo. Eis porque deixou-se impulsionar pelo Espírito. Embora parecesse excêntrico e extremado, seu método de trabalho conduziu milhares de almas ao Senhor Jesus.

Como o cristianismo nominal não satisfaz a fome espiritual do homem, o coração busca um meio de irromper as barreiras até chegar a Cristo. Haja embora murmuração dos escribas, o telhado do eclesiasticismo é rompido. O importante é que todos ouçam a voz do Mestre.

6. *Causas invisíveis e efeitos visíveis.* Como o perdão do pecado é uma bênção espiritual, e só se evidencia na consciência do homem perdoado, o Senhor Jesus produziu um efeito físico para deixar a bênção bem patente.

As bênçãos espirituais são mais facilmente entendidas pelos seus efeitos externos. Assim ocorre com o amor de Deus. Carecemos, para melhor entendê-lo, de uma manifestação desse amor em nossa vida e na vida de nossos semelhantes. O faminto talvez nada saiba de Cristo, mas quando recebe o sustento conscientiza-se de que Cristo é o Pão da Vida. A doutrina do Espírito Santo pode ser difícil, mas todos podemos desfrutar do fruto do Espírito (Gl 5.22,23).

7. *Jamais vimos coisa assim.* Quando se testemunha a manifestação do poder de Deus, ocorre o seguinte:

a) Pode haver descrença em face daquilo que é novo. Os pais e avós adoravam assim e assim: por que introduzir inovações? Tendo bebido o vinho velho, não desejam o novo, argumentando: “o velho é melhor” (Lc 5.39). Há uma idéia preconcebida daquilo que o evangelho deve ser, e qualquer pregação ou manifestação que não se enquadre nos limites de seus sistemas fica sob suspeição. A tradição tem seu valor, mas quando tenta impedir o

Senhor de fazer algo novo, transforma-se numa ameaça. “Jamais vimos coisa assim”, às vezes significa: “Não queremos ver coisa assim”.

O novo e sensacional são muitas vezes a redescoberta de uma verdade antiga, porém negligenciada. A segunda vinda de Cristo, o batismo no Espírito Santo, a operação dos dons do Espírito, a cura divina - todas estas doutrinas são novidades para muita gente, mas são tão antigas quanto a própria fé cristã.

b) “A ponto de se admirarem todos”. Muitas pessoas ficam admiradas ao presenciar a operação do poder de Deus, mas a sua admiração não as leva à investigação honesta e à aceitação do Evangelho. “Nunca vimos coisa assim” dizem, e não fazem qualquer tentativa de ver mais coisas assim.

c) “Deram glória a Deus”. Muitas almas piedosas, percebendo uma nova fase da verdade divina, ficam na dispensação para receber mais bênçãos de Deus. Isto nem sempre significa que tudo quanto é novo é necessariamente verdadeiro, mas pelo menos exige investigação honesta.

O Chamamento dos Doze Discípulos

Texto: Marcos 3.13-21; 6.7-13

Introdução

O nome de Jesus já era citado livremente. Multidões vinham de todas as partes para ouvi-lo (Mc 3.7,8). Vendendo-lhes as necessidades, Jesus ficou comovido (Mt 9.36). Sozinho, não poderia evangelizar todo o país. Por isto, pediu aos discípulos que orassem para que o Senhor da Seara enviasse mais obreiros. A passagem que ora estudamos conta como Ele mesmo ajudou a responder a esta oração.

I - O Chamamento dos Apóstolos

(Mc 3.13; Lc 6.12,13)

Antes de chamar os doze, Jesus afastou-se a um monte a fim de orar. Este parece ter sido seu lugar predileto de oração. Alguém chegou a dizer que, assim como um estranho pediria informações acerca de um hotel, Jesus, ao chegar numa cidade, certificava-se primeiro se, nela, havia uma montanha por perto. As encostas proporciona-

vam-lhe a solidão necessária para uma longa e profunda oração.

A comunhão com o Pai era parte regular e normal de sua vida. Além disso, dedicava-se a períodos especiais de oração antes de uma crise ou decisão importante (Lc 3.21; 9.28,29; Jo 6.15; Mt 26.36). Era razoável, pois, que um evento tão significativo, como a escolha dos doze futuros líderes da Igreja, fosse seguida de uma invocação especial da orientação divina.

“Chamou os que ele mesmo quis”. Não aqueles a quem teríamos chamado com base na aparência exterior. Foram chamados aqueles a quem Ele achou por bem chamar, tornando-os dignos dessa vocação.

II - A Missão dos Apóstolos (Mc 3.14,15)

1. Uma vocação para treinamento específico. “Para estarem com ele”. O número de seguidores de Cristo crescera a tais proporções, que se fazia necessária a separação de obreiros que levassem a missão do Reino adiante. Para tanto, Jesus selecionou certo número de discípulos para que recebessem treinamento específico.

Lição prática: A íntima comunhão com Cristo é essencial ao sucesso no ministério.

2. Uma vocação ao serviço ativo. “E para os enviar a pregar”. A palavra “apóstolo” significa literalmente “alguém enviado numa missão”, ou “missionário”. Como cooperadores de Cristo, os discípulos teriam de atuar como agentes escolhidos para espalhar o evangelho pelo mundo. O aprendizado, pois, era indispensável.

A palavra “discípulo” quer dizer “alguém que aprende”, e se aplica a todos os seguidores de Cristo. Todos os apóstolos foram discípulos, mas nem todos os discípulos tornaram-se apóstolos.

Durante seu ministério terreno, Cristo estava limitado a um só lugar. Mas aos comissionar os apóstolos, multiplicou esforços para alcançar o mundo com a mensagem do Evangelho não somente durante os dias de sua carne como também depois de haver retornado ao Pai. É interessante notar que três dos mais afamados pregadores do século passado dedicaram-se ao treinamento de obreiros. O Instituto Bíblico Moody é o monumento mais significativo à obra de Moody. Finney fundou o Colégio Oberlin. E Spurgeon estabeleceu uma escola para pastores. Estes homens viram a necessidade, sentiram o fardo, e esforçaram-se por satisfazer a premente necessidade de treinar e enviar obreiros.

3. *A vocação a um destino mais alto.* O propósito final da chamada dos doze foi prepará-los para liderarem a Igreja (Ef 2.20). Tinham de apresentar, tanto aos judeus quanto aos gentios, um testemunho poderoso acerca da morte e ressurreição de Cristo. Para suprir a falta das Escrituras do Novo Testamento, que só iriam aparecer mais tarde, eles seriam obrigados a prestar um poderoso testemunho do Evangelho. Constituir-se-iam nas autoridades mais altas quanto aos assuntos pertinentes à fé e à prática cristãs.

Note-se a dupla qualificação exigida dos doze: que já estivessem acompanhando a Jesus desde o batismo de João, e que fossem de fato testemunhas de sua ressurreição.

III - A identidade dos apóstolos (Mc 3.16-19)

1. *Seu número.* Por que foram escolhidos em número de doze? Este número daria a entender aos filhos de Israel que Jesus não era meramente um ensinador local, mas o fundador de um movimento que abrangeria não somente a Israel mas o mundo todo. O fato de haver Ele anunciado estar próximo o Reino de Deus, sugere ser Ele o Messias de Israel, aquele cuja missão era “restaurar as tribos de

Jacó e tornar a trazer os remanescentes de Israel” (Is 49.5,6; Mt 19.28).

Doze é o número do povo de Deus no Antigo e no Novo testamento (Ap 21.12-14). O número dos apóstolos, pois, já indicava a futura liderança da Igreja. Assim como os doze filhos de Jacó eram os pais de Israel segundo a carne, de igual modo os doze apóstolos o seriam segundo o Espírito. Seriam pais espirituais não somente dos judeus convertidos, como também dos gentios que haveriam de receber a Cristo.

2. *Seus nomes.* A lista começa com Pedro, o líder espiritual do grupo; embora viesse a negar o Senhor, arrepender-se-ia de maneira sincera e inquestionável. A mesma lista termina com Judas, o líder financeiro, que viria a trair o Mestre.

Neste grupo, havia um “círculo íntimo” composto por Pedro, Tiago e João, que mantinha uma comunhão mais estreita e privilegiada com o Mestre (Mc 5.37; 9.2). Não se tratava de nenhum favoritismo. Temos de convir, porém, que há discípulos que se apegam mais Mestre que os demais.

Havia um traidor no grupo. Embora Judas estivesse fisicamente perto de Jesus, espiritualmente achava-se mui distante dEle. Tal fato deveria ser levado em consideração por aqueles que se queixam dos escândalos que ocorrem na Igreja. Nem todos os chamados foram realmente escolhidos.

Havia diferenças de temperamentos entre os doze apóstolos. Pedro era impulsivo; João e Tiago eram os fogosos filhos do trovão; Mateus era o eficiente publicano; Tomé, o homem das dúvidas e tristezas. Simão, o zelote, um revolucionário da Galiléia. Assim também ocorre hoje com as nossas igrejas; compõem-na homens e mulheres dos mais variados temperamentos. Os apóstolos eram simplesmente seres humanos. Os Evangelhos não fazem

qualquer tentativa de encobrir-lhes as falhas. Mas aquEle que havia dito que faria deles pescadores de homens, cumpriu a promessa: foi moldando-lhes a personalidade segundo a Sua própria imagem.

IV - Os Credenciais dos Apóstolos

(Mc 3.15; 6.7)

Quando um embaixador é enviado a um país estrangeiro, recebe credenciais que lhe autenticam a missão. Como poderiam os apóstolos, evangelistas ainda sem experiência, e desconhecidos ante a comunidade de Israel, convencer o povo de que eram de fato embaixadores do Reino? Para que não houve tal inconveniente, o Mestre dá-lhes cartas de crédito sobrenaturais a fim de convencerem seus ouvintes. Durante a sua missão, haveriam de curar enfermos e expelir demônios. Este dom sugere as seguintes verdades.

1. A divindade de Cristo. Se Cristo fosse um pregador meramente humano, não poderia conceder quaisquer poderes aos discípulos. Nisto, o Senhor Jesus revela sua divindade ao delegar tanto poder e autoridade aos seus seguidores.

2. O poder de Cristo. O Mestre e seus apóstolos não se limitavam a pregar a proximidade do Reino de Deus; demonstravam a veracidade de seu ensino mediante as curas sobrenaturais (Lc 10.9; Mt 12.28). O Cristianismo, por conseguinte, não é uma mera apresentação de verdades; é uma mensagem que outorga e delega poderes aos seus seguidores. “Porque o reino de Deus consiste, não em palavras, mas em poder” (1 Co 4.20; 1 Ts 1.5).

3. A exaltação de Cristo. A operação dos milagres levou os galileus a perguntarem quem era Cristo, e não quem eram os apóstolos (Mc 6.12-14; cf. At 3.12,13,16).

V - Instruções aos Apóstolos (Mc 6.7-11)

1. *Seu companheirismo.* “Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois”. Dois a dois: uma boa regra para os obreiros cristãos. Disciplina o individualismo, diminui as vontades próprias, estimula o trabalho em equipe, reforça a fé, solidifica a comunhão, e permite uma divisão racional da tarefa (Ec 4.9-11).

2. *Seu equipamento.* “Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto apenas um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro; que fossem calçados de sandálias, e não usassem duas túnicas”. O tempo era curto, e a missão, urgente. Os apóstolos, portanto, tinham de viajar do modo mais leve e confortável possível. Não haveria necessidade de fazer longos preparativos.

Nada havia de extremo nestas instruções. Como as vilas em Israel ficavam próximas umas das outras, a hospitalidade era bastante praticada. Além do mais, era uma oportunidade de se exercitar a fé. Os apóstolos deveriam confiar única e exclusivamente em Cristo. Vejamos o que Jesus lhes perguntou: “Quando vos mandei sem bolsa... faltou-vos porventura alguma coisa? Nada, disseram eles” (Lc 22.35). Lucas 22.36 dá-nos a entender que essas instruções seriam abrogadas e, que no futuro, a igreja haveria de adaptar a meios mais tradicionais. Embora abrogadas, o espírito destas instruções permanece. Os obreiros cristãos sofrem mais perigos pelo excesso de bagagem do que pela falta desta. O mínimo de equipamentos externos convoca o máximo da fé.

As instruções acima visavam o cumprimento de uma missão especial, porém temporária. Hudson Taylor, por exemplo, fez um apelo certa vez a grupo de jovens a que se dedicassem a uma missão evangelística especial no interior da China. Enquanto durasse a missão, nenhum deles deveria se casar. Taylor, porém, sabia que tal exi-

gência jamais poderia ser encarada como algo permanente ou universal. Era apenas uma contingência.

3. *Sua conduta.* “Quando entrardes nalguma casa, permanecei aí até vos retirardes do lugar”. Não deviam mudar de alojamentos, para que não fossem vistos pelo povo como obreiros inquietos ou desleais, procurando sempre melhores acomodações. No Israel daquele tempo, tal comportamento seria considerado grave ofensa.

“Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sair dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles”. Este gesto era um emblema bem conhecido em Israel. Significava: “Não temos mais nada a ver convosco; que o vosso sangue caia sobre as vossas cabeças”. O tempo era curto. Os apóstolos não podiam perder tempo com os que relutavam em receber-lhes a mensagem. “Nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas” (Mt 7.6).

Chega a hora da advertência aos que rejeitam a palavra de Deus (Mt 23.32,33; At 13.46-51). No entanto, a menos que sejamos orientados a agir assim, a regra mais segura a seguir é a do amor que leva a pleitear a causa divina apesar das repulsas.

No versículo 11, vemos que as luzes recebidas são a medida da responsabilidade. Haverá graus de punição. A nação judia, que possuía as Escrituras e acolhera os profetas, receberá uma sentença mais grave.

VI - O Sucesso dos Apóstolos (Mc 6.12,13)

“Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muito demônios e curavam numerosos enfermos, ungindo-os com óleo.” Juntamente com o convite ao arrependimento, veio o anúncio: “O reino de Deus está perto de vós”. Deus estava para se manifestar entre os homens de modo novo. Os ouvintes, portanto, tinham

de se preparar mediante um exame introspectivo. Esta foi a primeira obra de Cristo como profeta (Rm 15.8).

A unção com óleo era também praticada no Oriente com propósitos medicinais. Mas a unção ministrada pelos apóstolos nada tinha a ver com a medicina; era um símbolo do poder curador do Espírito Santo.

VII - Ensinaamentos Práticos

1. A Oração e a ação. O Mestre mandou que seus discípulos orassem, pedindo a Deus que enviasse trabalhadores aos campos. Depois da oração, ordenou que saíssem aos campos a pregar o mensagem do Reino. Era uma forma de ver a própria oração respondida.

O rico que ora pelas necessidades do pobre, ouvirá a voz de Deus ordenando-lhe que faça algo a respeito. O que ora por um reavivamento, será exortado a começar por reavivar o próprio coração. Aquele que ora para que sejam enviados mais mensageiros à seara, deveriam eles mesmos dar o exemplo e dedicar-se à lide. Será que não estamos orando por coisas que nós mesmos podemos fazer?

2. Homens formados por Cristo. Os antigos artistas pintavam os apóstolos com auréolas nas cabeças, irradiando a luz da perfeição angelical. Os evangelhos, porém, pintam-nos conforme são - homens leais, sem dúvida, mas com as mesmas paixões e fraquezas que nos rodeiam. Suas limitações vieram à tona, para que nos conscientizemos de que o seu poder espiritual era devido à graça do Mestre. Os que viam neles um poder e uma coragem além do natural, reconheciam imediatamente haverem estado eles com Jesus (At 4.13).

Cristo não se limitou a melhorar os dotes de seus discípulos; acrescentou-lhes algo de novo. Um das causas da fracasso espiritual é a idéia de que Deus nos usará em

virtude dos raros talentos que possuímos, ou imaginamos ter. Ele não nos reveste de poder para aperfeiçoar nossos dotes naturais, mas para acrescentar-nos algo de sobrenatural. “Pela graça, sou o que sou”, deve ser a humilde confissão do que busca fazer algo para o Reino de Deus.

3. *O revestimento de poder.* “Dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos”. Jesus Cristo dá-nos o equipamento para o serviço antes de declarar-nos suas ordens. Ninguém é enviado ao campo antes de ter semente para semear. A medida que recebemos poder, somos instados por Cristo a proclamar a sua mensagem.

“Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” é a promessa que temos de nos apropriar. Nenhum discurso pode tomar o lugar do poder espiritual. As experiências do passado não bastarão às necessidades de hoje. Um obreiro que perdeu o brilho da experiência espiritual não a pode transmitir a outros.

4. *Poder e responsabilidade.* O poder é outro nome para o dever. O poder recebido por um homem está na proporção exata da obrigação que ele tem para com Deus. O poder é dado para ser usado, não para ser posto de lado. Sem o uso, entra em declínio e morre. O poder espiritual que possuímos deve ser utilizado à expansão do Reino de Deus.

Nem todos possuem o poder de operar milagres. Mas todos possuímos algum tipo de poder. Qualquer um pode falar uma palavra de bondade, trazer esperança aos aflitos, e escutar com simpatia um coração sobrecarregado de tristezas.

5. *O equipamento interior do missionário.* As organizações missionárias com seus comitês, métodos de sustento etc., são sem dúvida necessárias. Mas estas não eliminam a necessidade de fé dos que saem aos campos missionários. Se alguém faz a obra missionária segundo o programa do Novo Testamento, é porque

tem fé de que esta é a vontade de Deus, e que somente esta fé o sustentará nas dificuldades. A fé é o equipamento interior do missionário. Qualquer coisa que afete a eficiência espiritual do cristão é bagagem excessiva (Mc 6.8; Hb 12.1; Cl 3.8).

Acalmando Duas Tempestades

Texto: Marcos 4.35-41; 6.45-56

Introdução

Estudaremos, neste capítulo, a narrativa de duas tempestades pelas quais passaram os discípulos. Numa delas, Cristo estava presente no barco; na outra, não. Mas em ambas, sua presença aquietou tanto as ondas como os corações. Assim, aprendemos a conservar uma descansada confiança em Cristo mesmo sob as circunstâncias mais adversas.

I - Cristo dorme durante a tempestade (4.35-41)

Depois de haver pregado o dia todo, Jesus achava-se fisicamente exausto. Buscava, por isso, um lugar sossegado para descansar. Após haver despedido as multidões, entrou no barco, e mandou que os discípulos remassem até a outra margem do lago. A seguir, pôe-se a dormir na popa da embarcação.

1. A Tempestade Feroz (Mc 4.37) Os discípulos atravessavam o lago, segundo ordenara Jesus. Mas eis que se levanta uma tempestade que por pouco não põe o barco a pique. Embora viajassem com Cristo, não se achavam livres das tormentas. O Evangelho não nos livra dos temporais e borrascas, mas certamente nos socorre nos momentos de dificuldade.

2. Cristo Dorme (Mc 4.38) *O que não significava o sono de Cristo.* Apesar das aparências, não era sinal de indiferença ou descaso Jo 11.5,6,14,15; Mt 15.22,23). Seus olhos estavam fechados, mas o seu coração achava-se aberto (Ct 5.2). Os crentes do Antigo Testamento eram tentados, às vezes, a imaginar o Senhor aferrado ao sono (Sl 44.23; Is 45.15).

3. O que significava o sono de Cristo. Esta é a única descrição que nos mostra o Senhor Jesus a dormir. Geralmente, vêmo-lo acordado durante as vigílias da noite. Seu sono indica: 1) Sua humanidade. Embora Filho de Deus, achava-se sujeito às fraquezas dos filhos dos homens; porém, sem pecado. 2) Sua confiança absoluta no Pai. Contraste-o com Jonas, o profeta que adormecera profundamente por causa de uma consciência morta. Nosso Senhor dormia com a consciência pura. A presença de Jonas causara a tempestade; a de Cristo era uma garantia de que a tormenta seria em breve acalmada.

4. Os Discípulos Perturbados (Mc 4.38) Depois de muita hesitação, resolveram acordar o Mestre. Escreve Agostinho: “Que significa Jesus estar dormindo em você? Que a sua fé, que vem do próprio Jesus, está adormecida no seu coração. Que fará você? Desperte-o: Mestre, perecemos. Ele acordará, ou seja: a fé lhe voltará, e permanecerá com você para sempre. Quando Cristo desperta, o barco não vai a pique por mais bravia que esteja a tempes-

tade. A fé, agora, comanda os ventos e as ondas. O perigo passará”.

As tempestades da vida desafiam-nos a despertar a nossa fé.

“Mestre, não te importa que pereçamos!” Foi esta a linguagem da descrença. Cristo já comprovava seu terno cuidado por eles em muitas ocasiões. Cercadas pelas adversidades, há pessoas que são tentadas a perguntar: “Será que Deus se importa comigo?” A linguagem dos discípulos refletia apenas o medo. Achavam que o seu fim já havia chegado; tristemente contemplavam sua sepultura nas águas. Sua linguagem lembrava também uma oração. Não obstante, a fé era fraca. De uma forma ou de outra, a maioria dos homens, mesmo os piores, se dispõem a orar quando seus recursos chegam ao fim.

5. O Poderoso Cristo (Mc 4.39-41) Acalmaram-se as águas. Pode parecer que Cristo esteja dormindo enquanto a igreja passa por uma tormenta. Mas Ele desperta sempre no momento apropriado. “E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Acalma-te, emudece!” A autoridade de Jesus revela a sua divindade (Sl 93.4; 65.7; Cl 1.16.) Com uma única palavra, o Senhor demonstrou todo o seu poder: “O vento se aquietou e fez-se grande bonança”.

6. Acalmando corações perturbados. Depois de aquietar a tempestade no mar, Cristo acalma, agora, a tormenta no coração dos discípulos. O Senhor indignara-se não por haver sido perturbado pelos discípulos, mas porque os discípulos perturbavam-se a si mesmos em consequência de sua falta de fé. Por que haviam agido daquele jeito? Ver Is 57.20,21.

“Por que sois assim tímidos?” A pergunta dá a entender que, entregar-se ao medo, é algo incompatível com a

atitude cristã. Dizemos *entregar-se*, pois o mero sentimento de temor não é pecado; é algo normal: faz parte do instinto de sobrevivência. Haja vista o herói: age e reage a despeito de seus temores.

“Por que sois assim tão tímidos?” Tivessem se lembrado de todas as maravilhas feitas por Jesus, não teriam se entregado ao medo. O medo é o pânico da alma que nos leva para cá e para lá, numa louca corrida por uma aparência de segurança. Em seguida, o Senhor mostra-lhes a causa de seu apavoramento: “Como é que não tendes fé?” Durante os problemas e tentações, somos obrigados a optar: ou exercemos a fé ou nos entregamos ao medo. Uma atitude exclui a outra. Quando o temor começa, a fé termina; mas, quando surge a fé, o temor desaparece.

“Possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?” Durante a tempestade, temiam mais as ondas do mar do que ao Senhor. Agora, não há como não reconhecer o senhorio de Cristo. Sentiram-se, por um tempo, incomodados por quem possuía um poder tão grande (Sl 89.8,9; Jn 1.16; Pv 30.4; Sl 106.6,7.)

II - Cristo Ausente durante a Tempestade

(Mc 6.47-51)

1. Benéfico mas não entendido. Depois de haver alimentado os 5.000, Jesus “compeliu os seus discípulos a embarcar e passar adiante para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão”. Por que era necessário “compelir” os discípulos a deixar aquele cenário?

A explicação acha-se em João 6.15. O povo queria proclamar a Jesus como o seu rei. Achavam que aquele que, milagrosamente, alimentava as multidões, era o soberano talhado para uma época tão difícil. Seria um se-

gundo Moisés a libertar Israel do império romano. Mas essa não era a sua missão. E se os discípulos tivessem permanecido naquela margem, com certeza teriam sido contagiados pelo nacionalismo de seus patrícios. O Senhor recusa-se a encorajar o povo neste estulto entusiasmo, que levaria a nação a uma sangrenta revolução. Por isso, despacha-os rapidamente para a outra margem. Ele mesmo sobe a montanha a fim de falar com o Pai.

2. Ausente, porém vigilante. Ao despachar os discípulos para a outra margem, parece que Jesus os livrara de um perigo, para os deixar cair em outro. Primeiro, houve o perigo de serem eles arrebatados por um falso entusiasmo; agora, poderão ser arrebatados pela fúria das ondas. Jesus, porém, não os havia esquecido. Do alto da montanha, ve-los-ia a remar contra as ondas. Cf Êx 3.7; Sl 56.8. O vento era-lhes contrário; o mar estava encapelado. E Jesus parecia ausente.

A tempestade pegou-os justamente quando já haviam atravessado metade do mar. A noite já caíra. Daí em diante, não avançariam até a quarta vigília (três horas da madrugada).

“Por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar”. Quando seus recursos pareciam ter chegado ao fim, veio-lhes Jesus ao encontro. Era um teste de fé mais severo que o anterior. A primeira tempestade dera-se de dia; a segunda, de noite. Naquela, Ele estava no barco; durante a segunda, ausente.

Os discípulos não sabiam que a libertação viria daquele jeito. Não imaginavam viesse Jesus andando por sobre as ondas; algo impossível sob o ponto de vista humano. No entanto, teriam eles de saber que, em todas as tempestades, Jesus está sempre por perto. Embora nem sempre seja visível aos olhos físicos, Ele faz-se presente. O choro pode durar uma noite toda, mas a alegria vem pela manhã.

3. *Chegando perto sem ser reconhecido.* Aproximando-se Jesus de onde se encontravam os discípulos, deu a entender que lhes queria tomar a dianteira. Por que Jesus já ia passando de largo? Alguém sugere que Ele não queria assustá-los; outro pensador acha que o Senhor tinha em mente experimentar-lhes a fé, ou levá-los a orar (Lc 24.28).

“Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma, e gritaram”. Acharam que era uma “alma do outro mundo”, pois não tinham qualquer expectativa quanto à intervenção do Mestre. Em seu pavor, vê-se que eles participavam das mesmas superstições do povo. Julgamento igualmente errado iriam manifestar com respeito à ressurreição de Cristo (Lc 24.37).

4. *Reconhecido e recebido.* “Mas logo lhe falou e disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!” Passado o susto, Jesus revela-se a eles por meio da meiguice de sua voz. Ele dirige-lhes palavras de encorajamento. Muitas vezes é necessário ao Senhor acalmar os próprios seguidores quando estes se vêm face a face com Ele (Gn 15.1; 21.17; 26.24; Jz 6.23; Lc 2.10; Ap 1.17).

“E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou. Ficaram entre si atônitos”. Perceberam então que estavam com alguém que se relacionava maravilhosamente com Deus: “Pelo mar foi o teu caminho, as tuas veredas pelas grandes águas, e não se descobrem os teus vestígios” (Sl 77.19). “Marchas com os teus cavalos pelo mar, pela massa de grandes águas” (Hc 3.15); “quem sozinho estende os céus, e anda sobre os altos do mar” (Jó 9.8).

A situação mudou radicalmente depois de Jesus ter entrado no barco. Novamente a fraqueza da fé vêm à tona. Apesar das maravilhas presenciadas, como a multiplicação dos pães, os discípulos ficam atônitos, pois “não haviam compreendido o milagre dos pães, antes o seu coração estava endurecido”.

III - Ensinaamentos Práticos

1. *Fé e sentimentos.* Quando a tempestade atingiu o barco, os discípulos entregaram-se ao pânico. Agiam como se estivessem para ser lançados à eternidade a qualquer momento. Tudo isto porque, ao invés de se firmarem no que o Senhor lhes havia ensinado, foram consultar os próprios sentimentos.

Permanecessem com os olhos postos em Jesus, e considerado quão serenamente Ele dormia, haveriam de ficar tranquilos até que a tempestade passasse. Os que conservam o olhar fito no Senhor, cantarão como o salmista: “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Portanto não temeremos ainda que a terra se transtorne, e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem, e na sua fúria os montes se estremeçam” (Sl 46.1-3).

2. *A tempestade do lado de fora.* Tudo vai bem quando o barco está na água, mas-se a água está no barco, tudo vai mal. Muitas vezes sucumbimos diante das adversidades, porque permitimos às tormentas invadirem-nos o espírito. Daniel foi lançado na cova dos leões, mas nunca deixou que a cova nele se instalasse. Lançados na prisão, Paulo e Silas lutaram para que seu espírito jamais fosse aprisionado; mesmo sob os grilhões, cantavam louvores a Deus. João estava na ilha de Patmos, mas a ilha não lhe entrou no coração; em espírito achava-se no dia do Senhor. A vitória não depende de circunstâncias externas, mas de nossa atitude íntima. Não é a severidade do teste que conta; mas como o enfrentamos. Fortalecido pela graça de Deus, triunfaremos sobre todas as adversidades.

3. *Fé e temor.* “Por que sois assim tão tímidos?” O medo tinha aberto a porta para a tempestade invadir os corações dos discípulos. O grito de “Incêndio” leva as pessoas ao pânico. Como todos saem correndo em busca duma saída, muitos acabam morrendo, não pelo fogo,

mas pisoteados por aqueles que vêm atrás. Às vezes surge um boato de que certo banco está para ir à falência, levando milhares de pessoas a retirar apressadamente seu dinheiro, e a ocasionar a ruína do estabelecimento e dos próprios correntistas. Quando o medo encontra guarida na alma, o pânico se sente bem à vontade; o medo é o pânico da alma. Nas circunstâncias mais difíceis da vida, devemos sempre escutar a voz de Cristo: “Não temais!”

4. *Seguro com Cristo.* Por volta do ano 50 a.C., o imperador romano tentava atravessar um mar tempestuoso num pequeno barco. No entanto, os marinheiros ainda não sabiam a verdadeira identidade daquele viajante. E, como a coragem destes começasse a falhar diante das ondas e dos ventos fortes, o imperador achou por bem se revelar: “Coragem! Estão transportando a César e as suas fortunas”.

A presença de Cristo impediu que o barco fosse a pique. Sua presença em nossa alma é a garantia de que as ondas não hão de nos sucumbir.

5. *Sacudido pela tempestade, porém Seguro.* O barco, onde se encontravam Jesus e seus discípulos, pode ser comparado à Igreja. Muitas vezes, é açoitada pelas ondas do mundo; faz tão pouco progresso, que parece esquecida pelo Senhor. Seu olhar, porém, está fito nela. Ele tudo vê da montanha. Ele é o Salvador resuscitado, que está a interceder pelos seus. Quando a necessidade atinge o ponto crítico, Ele se revela de um modo surpreendente. Então, tudo que era difícil, torna-se fácil; os que labutam com os remos, logo acham o porto seguro.

A Cura da Filha de Jairo

Texto: Marcos 5.21-24; 35-43

Introdução

Nos primeiros capítulos de Marcos, Jesus revela seu poder sobre cinco áreas específicas: pecado, doença, demônios, natureza e morte. Neste trecho, vê-lo-emos como o conquistador da morte. Depois de haver libertado aquele possesso, Jesus atravessou à outra margem do Mar da Galiléia. Aqui, Jairo, um dos principais da sinagoga, vai-lhe ao encontro, rogando-lhe que orasse pela filhinha que estava à morte.

I - O Problema Humano e a Compaixão de Jesus (Mc 5.21-24)

Note os seguintes fatos com respeito à fé que Jairo possuía:

1. *Sua fé era inesperada.* Jairo era superintendente da sinagoga de Cafarnaum. Presidia o conselho de anciãos; e, aos sábados e dias santos, dirigia os cultos. Um homem na sua posição, teria alimentado naturalmente preconcei-

tos contra Jesus, a exemplo dos demais líderes judaicos. Não obstante, prostra-se humildemente aos pés de Jesus.

Feitos da mesma matéria, todos os homens são postos em pé de igualdade diante de Deus. Não raro, porém, quando estamos a falar com alguém acerca das coisas eternas, deixamo-nos impressionar por sua posição social; esquecemo-nos de que, atrás desta, há apenas pobreza espiritual. A atitude de Jairo mostra que há muitas pessoas que, apesar do estatus, têm consciência de sua necessidade, e um profundo desejo de vir a Cristo.

2. *Sua fé era o resultado de uma grande aflição.* Talvez houvesse hesitado em vir ao encontro do Mestre, temendo a crítica de seus pares. Mas, como a vida da filhinha esgotasse rapidamente, corre ao encontro de Cristo. É no solo dos problemas que a fé frutifica; no meio das tristezas, o Senhor Jesus faz-se-nos muito mais real.

3. *Sua fé em Cristo levou-o à oração sincera.* Jairo estava acostumado a ler e a recitar as orações nas sinagogas. Orações estas que não passavam de meros rituais. Orar não é questão de palavras, mas da intensidade com que vibra o coração. Este tipo de oração acaba por achar sua resposta nalgum lugar, e nalgum tempo.

4. *Sua fé obteve uma resposta.* “Jesus foi com ele”. O Senhor simpatizou-se com a profunda tristeza daquele pai, como mais tarde também o faria em relação às irmãs de Lázaro (Jo 11.35). Ele é o Filho do homem; padece nossas enfermidades e participa de nossas aflições. Assim como acompanhou a aflição de Jairo, acompanhar-nos-á também à casa da doença, ao leito da morte e à câmara do luto.

II - A Pressa do Homem e o Atraso de Jesus (Mc 5.25-34)

1. *A interrupção.* Interrupções ocorriam freqüentemente no ministério de Cristo. Ver Marcos 2.4. Note-se

que as interrupções nunca o deixavam nervoso ou distraído, nem o levavam a se esquecer dos necessitados. Jesus nunca perdia a presença de espírito. Ele “bem sabia o que estava para fazer” (Jo 6.6).

2. *O atraso* (vv. 25-34). Enquanto Jairo contorcia-se de ansiedade, Jesus interrompe a caminhada para curar uma mulher que, passando pela turba, havia-o tocado. O grande Médico sabia muito bem o que estava fazendo. Ele tem a cura para todos os males. A ajuda que presta a um, nunca cancela a que está para fazer a outro.

Note como o atraso concorreu para o bem daqueles que buscavam a Cristo. O principal da sinagoga, por exemplo, ao invés de presenciar apenas a cura duma criança moribunda, testemunha a ressurreição desta.

III - O Desespero do Homem e o Consolo de Cristo (Mc 5.35,36)

1. *O relatório que doía no coração*. “Tua filha já morreu”. Parecia que toda a esperança já se havia perecido. Usando a linguagem de Marta, aquele pai bem poderia ter dito: “Mestre, se estiveras aqui, minha filha não teria morrido”. Quanta angústia não havia causado o atraso de Cristo.

2. *A pergunta desalentadora*. “Por que ainda incomodas o Mestre?” A pergunta parecia razoável, pois a menina já morrera. Além disso, muitos outros estavam buscando a ajuda do Senhor. Por que lhe tomar o tempo quando nada mais podia ser feito?

A pergunta não agradava a Cristo, porque a sua missão era justamente socorrer aos aflitos (Jo 5.40). Ele mesmo encorajava as pessoas a incomodá-lo (Mt 11.28; Lc 11.5-13). Além do mais, não há problema que Cristo não possa resolver. Nenhuma situação o deixava sem resposta (Gn 18.41; Lc 1.37).

3. *A exortação encorajadora.* “Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente”. Jesus interveio com prontidão, não deixando tempo algum para o desespero daquele pai transformar-se em amarga descrença.

IV - A Excitação do Homem e a Calma de Jesus (Mc 5.37-40)

1. *Uma escolha especial.* Aqui temos o primeiro registro do “círculo íntimo” do Mestre. Pedro, Tiago e João são convocados a testemunhar a revelação especial do poder de Cristo. Por que o Senhor escolheu a estes três? Talvez por causa de sua fé e da comunhão que mantinham com Ele. Tem-se observado que as maiores bênçãos são dispensadas quando os fiéis deleitam-se em falar com o Pai Celeste.

2. *O forte desagrado.* O Senhor não se agradou das lamentações ruidosas e insinceras que já tomavam a casa de Jairo. Quando alguém morria, era costume dos vizinhos reunirem-se para lamentar o defunto em altas vozes. Carpideiras profissionais eram alugadas para comover os recém-chegados. Havia também músicos entre elas para tornar o clima ainda mais carregado. Que lição há aqui para todos os que recebemos a Cristo! (1 Ts 4.13)

3. *A declaração autoritativa.* “A criança não está morta, mas dorme”. Jesus não queria dizer que a criança estava apenas inconsciente. Fosse assim, poderia tê-lo dito ao pai logo de início. Ver Jo 11.11-14. Referia-se antes ao sono da morte. Por que Ele assim descreve a morte? Porque estava prestes a despertar a criança. A morte, seguida por uma feliz ressurreição, é um sono. Os que morrem no Senhor são descritos como aqueles “que dormem em Jesus”. O sono é uma morte breve, e a morte é um sono longo. Naturalmente, a palavra deve referir-se

ao *corpo*, pois o espírito volta a ficar com o Senhor (Fp 1.23).

A morte é descrita como sono, pois é precedida por cansaíra, acompanhada por descanso, e seguida por um despertarmento.

4. *A ação drástica.* Jesus expulsa os zombadores. Aqueles que riem do que não entendem, não são dignos de contemplar as maravilhas de Cristo. O Senhor não lança suas pérolas aos escarnecedores (Mt 7.6). Tal atmosfera dificulta a realização da obra do Senhor (Mc 6.5,6).

V - A Incapacidade do Homem e o Poder de Cristo (Mc 5.41,42)

1. *A incapacidade do homem em face da morte.* A morte é a nossa maior inimiga, pois nos separa dos entes queridos (1 Co 15.26). Em Hebreus 2.14,15, lemos que Jesus veio a este mundo para livrar-nos do temor da morte.

2. *Cristo vence a morte.* “Tomando-a pela mão, disse: Talita cumi, que quer dizer? “Menina, eu te mando, levanta-te”. A expressão empregada por Jesus provinha do aramaico - língua usada no dia-a-dia pelos judeus do Novo Testamento. Os evangelhos foram escritos em grego, mas essas palavras foram conservadas em virtude do grande efeito que causaram.

Os evangelhos registram três casos de ressurreição, demonstrando o poder de Cristo sobre todas as etapas da morte. A ressurreição da filha de Jairo evidencia seu poder sobre alguém recém-falecido; a ressurreição do filho da viúva de Naim revela seu poder para levantar o morto a caminho da sepultura (Lc 7.11-19); e a ressurreição de Lázaro demonstra seu poder trazer à vida alguém que já estava morto há vários dias.

VI - A Surpresa do Homem e a Presença de Espírito de Jesus (Mc 5.42.43)

Note a quieta modéstia de Jesus. O Senhor nunca exultava-se em demasia diante das obras que realizava. Acabara de fazer algo que levaria qualquer homem ao cume da fama. Ele, porém, era indiferente à popularidade, ao louvor e ao aplauso; ordena por isso que a ninguém o dissessem. Enquanto todos estavam boquiabertos e sem saber o que fazer, Jesus calmamente ordena que a criança fosse alimentada.

Aprendemos com isso que, depois de o Senhor ter feito a parte dEle, temos o dever de fazer a nossa. Depois de haver ressuscitado a criança, manda que os pais a alimentem. Após haver trazido Lázaro de volta à vida, ordena aos circunstantes que lhe desatem as ataduras. E, quando o anjo libertou Pedro da prisão, deixou-o só para que achasse o caminho de volta a casa.

VII - Ensinaamentos Práticos

1. A extremidade do homem é a oportunidade de Deus. Não raro, Deus retarda em responder-nos a oração para que nos acheguemos ao extremo da esperança. Jesus poderia ter adiado a entrevista com a mulher que sofria do fluxo de sangue para depois que voltasse da casa de Jairo. Mas deliberadamente esperou até que não houvesse mais oportunidade de socorro humano àquele pai. Quando Abraão se preparava para sacrificar Isaque, o anjo não interferiu até que a faca estivesse prestes a descer sobre o rapaz. Quando Jacó lutou com o anjo, a bênção não chegou até que raiasse o sol. Quando se encontrava em Caná, Jesus só transformou a água em vinho após o suprimento antigo ter-se esgotado. Ler Sl 107.

O Senhor não age assim com os seus filhos apenas para deixá-los em suspense. Ele quer, antes de mais nada,

fortalecer-lhes a fé, e deixá-los ver claramente que o socorro tem de vir somente de Deus.

Durante aquele interregno, Jesus não permitiu que Jairo entrasse em desespero. Entregou-lhe antes esta palavra de esperança: “Não temas, crê somente”. Jesus sempre dá, ao que nEle espera, algo em que se apoiar.

2. *Enfrentando a Vida com Jesus*. “Jesus foi com ele”. Não temos qualquer garantia de ficarmos isentos das dificuldades desta vida, mas de uma coisa estamos certos: o Senhor estará conosco enquanto as enfrentamos. Crentes e descrentes, igualmente, enfrentam as crises comuns a esta existência - adversidades, decepções, doenças e a morte. Ambos terão de passar pelos pórticos escuros da existência, mas aquele que anda com Jesus pode confessar: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo”.

Todos os passageiros daquele navio viram-se obrigados a enfrentar a terrível tempestade registrada em Atos 27, mas somente Paulo conservou a calma: “Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem sou e a quem sirvo, esteve comigo”. Enfrentaremos as dificuldades da vida com fé e coragem, se levarmos Jesus conosco.

3. *Jesus achado através da tristeza*. O Senhor nem sempre responder-nos-á à inteligência e à irrequieta curiosidade; mas, sempre levará em consideração o coração magoado e machucado. “Porque assim diz o alto, o sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos” (Is 57.15).

4. *O uso da adversidade*. Jairo, como muitos outros, chegou-se a Jesus por estar sendo açoitado por uma grande necessidade. Às vezes, um certo choque é necessário para despertar-nos à realidade do poder de Deus. Não temos consciência de estarmos respirando até que uma

obstrução faça-nos sentir o esforço de sorver o oxigênio. Quase nem reconhecemos possuir coração até que alguma doença, ou algum desgosto ou júbilo, estimule-o de maneira extraordinária. Muitas vezes não tomamos consciência de nossa necessidade espiritual até que algo aconteça e cause o rompimento das afeições e emoções, deixando-nos um grande vazio espiritual.

Deus fala ao homem de várias maneiras: através da natureza, da pregação da Palavra e pelo movimento da consciência. Se não lhe prestarmos ouvido por estes meios, Ele emprega outros canais para quebrantar-nos e fazer-nos tenros diante dEle. As duras experiências da vida são um desafio para aproximar-nos de Deus, e levar-nos a ouvir o que Ele tem a dizer-nos.

5. A descrença exclui-nos das bênçãos. Quando Jesus declarou que a menina dormia (pois Ele estava prestes a ressuscitá-la) os que estavam no aposento riram-se dEle. Quanto à ótica humana, a criança não passava de um cadáver. Os zombeteiros julgavam pela vista, enquanto Jesus seguia a lei da fé, que considera todas as coisas já feitas apesar das aparências e condições adversas.

Assim como zombavam das palavras de Cristo naqueles dias, assim também o fazem hoje de doutrinas tais como a ressurreição dos mortos, a vinda de Cristo, o juízo, pois alegam que “desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio” (2 Pe 3.4). Na opinião deles, as aparências das coisas materiais contradizem o que se diz acerca das coisas espirituais. “Ver é crer” é o lema deles. Mas no campo espiritual, crer é ver. O homem espiritual é influenciado, não tanto por aquilo que vê, mas por aquilo que crê.

Assim como os zombeteiros foram expulsos daquele aposento, também os que descreem da obra de Cristo são automaticamente excluídos das bênçãos espirituais. Caso não se convertam, um dia ver-se-ão excluídos para sem-

pre da presença de Deus. O que foi dito acerca da exclusão dos israelitas de Canaã pode muito bem ser aplicado aqui: “não puderam entrar por causa da incredulidade”.

6. *A fé combate o medo.* “Não temas, crê somente.” Como não temer quando perigos e misérias confrontam-nos abertamente? Mas quando somos instados a crer, a fé terá um peso muito maior na balança do que o terror e as aflições. Jairo tinha muitas razões para abandonar a esperança, mas a fé motivou-o a manter-se firme na esperança que é Cristo.

7. *O Pão da Vida vence o temor da morte.* Diz-se que ninguém tinha mais pavor da morte que Alfred Krupp, o renomado industrial prussio de armas e munições. Jamais perdoava aos que lhe mencionavam a morte. Seus empregados eram terminantemente proibidos de se referirem ao assunto. Conta-se que, certa vez, um parente de sua esposa morreu repentinamente na fábrica, levando-o a sair correndo a casa. Como a esposa protestasse pela sua atitude, ele separou-se dela. No leito de enfermidade, Krupp ofereceu um milhão de dólares ao seu médico para que lhe prolongasse a vida por pelo menos mais dez anos. Mas nada pôde ser feito.

Jesus Cristo, porém, não somente tem poder para nos prolongar a vida física como também para conceder-nos a vida eterna.

Alimentando os Quatro Mil

Texto: Marcos 8.1-9; 14-16; 19,20

Introdução

Embora salientasse a importância dos assuntos espirituais, Jesus não desprezava as necessidades físicas de seus ouvintes. Um dos propósitos de seus milagres era justamente atingir a alma humana através da cura do corpo. Ele afirmou, por exemplo, que nem só de pão vive o homem, mas não se mostrou insensível diante das multidões famintas. Para alimentá-las, por duas vezes multiplicou pães e peixes.

Todavia, jamais permitiu que as coisas materiais eclipsassem as espirituais. Quando a multiplicação dos pães deu vazão a mal entendidos (Jo 6), fez questão de deixar bem claro que a sua missão, neste mundo, era prioritariamente alimentar as almas com o pão que dá vida eterna.

Os milagres de Cristo também eram sinais que evidenciavam sua divindade e obra. Na multiplicação dos pães, temos ainda um quadro de como Cristo enfrenta as necessidades de um mundo faminto.

I - Jesus Soluciona um Problema (Mc 8.1-5)

1. O Mestre compassivo. A multidão achava-se tão absorta com os ensinamentos de Cristo, que se esquecera de prover-se do pão necessário. Já estavam com Ele há três dias, sem nada terem para comer! Houvessem trazido alguma provisão, esta já se havia esgotado. Mesmo assim, aqueles homens, mulheres e crianças encontravam-se mais preocupados com as palavras do Mestre do que com a própria alimentação. O Senhor Jesus, por seu turno, cuidava com tanto zelo do bem-estar espiritual de seus ouvintes que, durante todo aquele período, negava-se a comer, descansar ou dormir. “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (Jo 4.34).

2. Os discípulos perplexos. “E os seus discípulos responderam-lhe: Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto?” (Mc 8.4). À primeira vista, surpreendemo-nos com a atitude dos discípulos que, apesar de já haverem presenciado tantos milagres e maravilhas operados por Cristo, ainda perguntam como o Senhor alimentará tanta gente. Jesus já não havia operado o mesmo prodígio antes? A surpresa dos discípulos surgira da ignorância e da raiz de descrença que se haviam implantado em seu coração. Tais sintomas manifestam-se quase sempre em tempos de dificuldade e aflição, apagando-nos da memória outras intervenções divinas.

Toda nova dificuldade parece insuperável. As necessidades que vão surgindo dão-nos a impressão de que as maravilhas da graça de Deus chegaram ao fim. Embora houvesse Deus dividido o mar Vermelho, os israelitas, já da outra margem, murmuram contra Moisés por causa da falta de água (Êx 17.1-7). Deus já havia coberto o arraial com codornizes (Êx 16.13), mas o próprio Moisés teve dificuldade para crer na providência divina (Nm 11.21,22).

Somente o homem com uma fé bem formada, que baseia no passado suas esperanças no futuro, presenciará as maravilhas do Senhor.

3. *O Mestre e seus recursos.* “E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete... Tinham também alguns peixinhos”. Jesus estava para ensinar aos apóstolos que o alcance e o poder da operação de Deus não devem ser medidos pela pequenez de nossos recursos, nem por nossas limitações naturais. Mas que a fé demonstrada pelos fiéis, por mais simples que seja, moverá os recursos sobrenaturais do Pai Celeste.

Observe a maneira como Cristo emprega os recursos humanos e os meios naturais. Poderia, se quisesse, ter transformado as pedras em pães, conforme o tentador certa vez lhe sugerira. Todavia, escolheu usar o que havia de disponível; de alguns pães e peixes, fez a base de um ato milagroso. O Senhor não despreza nem dispensa a nossa cooperação.

II - Jesus Alimenta a Multidão (Mc 8.6-9)

1. *A bênção pronunciada sobre a refeição.* No milagre da multiplicação, pode ser que o Senhor Jesus tenha usado a bênção tradicional dos judeus: “Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, rei do mundo, que fizeste o pão surgir da terra”. Ele, assim, insta-nos a invocar a bênção divina sobre o pão nosso de cada dia, reconhecendo em Deus o sustentador e provedor de todas as coisas (Rm 14.6; 1 Co 10.30; 1 Tm 4.5). A bênção invocada pelo Senhor era também um ato criativo. Assim como Deus, o Pai, olhou para a terra, e disse: “Sê frutífera!”, assim Deus, o Filho, fitou os pães e os peixes, e ordenou fossem multiplicados para alimentar os famintos.

2. *Partindo o pão.* Jesus partiu o pão para que este fosse multiplicado. Tudo quanto Jesus dizia e fazia tinha uma marca bem pessoal. Algo impressionante deve ter

ocorrido pela maneira como Jesus partiu o pão, e deu graças. Note-se que os dois discípulos, no caminho para Emaús, reconheceram-no por sua maneira toda singular de partir o pão (Lc 24.30-35).

3. *A distribuição dos pães pelos discípulos.* Temos aqui um quadro perfeito do Senhor Jesus. Ele alimenta os espiritualmente famintos mediante os agentes humanos que comissiona e envia. Estes recebem primeiramente o Pão da Vida de Suas mãos, para, em seguida, repassá-lo às multidões. O alimento multiplica-se nas mãos dos discípulos: é o pão vivo; age e reage como a semente ao ser espalhada.

4. *O povo satisfeito.* “E comeram, e saciaram-se”. Somente Jesus tem condições de satisfazer as necessidades do mundo. “Em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento. Abres a tua mão e satisfazes de benevolência a todo vivente” (Sl 145.15,16).

5. *Colhendo as sobras.* “E dos pedaços que sobejaram levantaram sete alcofas”. Apesar de generoso, o Senhor nada desperdiçava. Ele harmoniza o poder criador ao senso de economia. Esta, aliás, acha-se presente em todos os milagres de Cristo; não há desperdício de poder - Ele faz exatamente o que é necessário.

A refeição começou com alguns pães e peixes. Alimentadas as quatro mil pessoas, constata-se uma formidável sobra. No exercício dos poderes espirituais há abundância, mas não desperdício.

III - Jesus Afasta os Incrédulos (Mc 8.10-13)

1. *Desafio sutil.* Tendo Jesus chegado ao outro lado do mar da Galiléia, os fariseus vieram-lhe ao encontro, e “começaram a disputar com ele, pedindo-lhe, para o tentarem, um sinal do céu”. Os motivos dos fariseus não eram sinceros. Buscavam apenas enredá-lo em palavras

ou atos a fim de lhe causarem dificuldades diante das autoridades e do povo.

Sabiam que Jesus havia curado enfermos, e operado outros prodígios; não obstante: ainda queriam um sinal do céu. Alguns rabinos achavam que os demônios, e até os falsos deuses, eram capazes de realizar certos milagres sobre terra, mas que somente Deus tinha poder para mostrar sinais no céu, como, por exemplo: o maná, a parada do sol e da lua no tempo de Josué, os trovões que surgiram enquanto Samuel falava, e o fogo que matou os capitães israelitas que vieram prender Elias. Também haviam ouvido falar da multiplicação dos pães e, por isso, achavam-se profundamente impressionados. Deram a entender, porém, que semelhantes milagres não eram prova da divindade de Cristo; poderiam ter sido operados de igual modo por meios satânicos ou mágicos. Ao pedir um sinal, esperavam ou uma recusa, que usariam contra Cristo, ou que Ele tentasse algo e fracasse diante de todos.

2. *A recusa aberta de Cristo.* “E, suspirando profundamente em seu espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se dará sinal algum” (Mc 9.12) Em Mateus 16.2, vemos que Jesus, olhando para o céu, afirmou que os escribas e fariseus sabiam prever se haveria bom ou mal tempo; não obstante: eram lentos para interpretar os sinais dos tempos. Que sinais eram estes? O cetro já se havia arredado de Judá (Gn 49.10); João Batista já viera com o espírito e o poder de Elias a fim de preparar a nação para receber o Messias; o mundo inteiro dava mostras de que já se achava apto para o advento de um grande personagem; os melhores e mais santos entre os judeus estavam mais que cientes quanto à chegada do Redentor de Israel. Além do mais, os próprios milagres e ensinamentos de Jesus corroboravam-lhe a divindade.

Com o seu pedido, os fariseus não procuravam saber a verdade; buscavam apenas alguma desculpa para permanecer na descrença. Eles já haviam sido advertidos por Jesus noutra ocasião por não darem crédito a Moisés e aos profetas. Por conseguinte, mesmo que alguém ressurgisse dos mortos e lhes falasse da vida futura, continuariam em seus delitos e pecados (Lc 16.31). Nenhuma evidência poderá convencer o que já resolveu descrever no Filho de Deus.

IV - Jesus Repreende os que nada Discernem

(Mc 8.14-21)

1. Uma advertência contra o erro. Os discípulos atravessavam o lago, quando se deram conta que já não tinham mais comida. Enquanto suas mentes ocupavam-se desse problema, Jesus rememorava a descrença dos líderes judaicos. A certa altura, recomendou-lhes: “Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes”. De acordo com Mt 16.6, Herodes mantinha estreito relacionamento com os saduceus. O fermento simboliza um tipo de mal que contamina a doutrina e a vida (Gl 5.9; 1 Co 5.7). Qual era o fermento dos fariseus? Sua ênfase exagerada sobre as tradições e os aparatos religiosos (cf. Mt 6.1-16). Os saduceus, representantes do partido sacerdotal, negavam a vida futura e não acreditavam em nada de sobrenatural. Hoje, os chamaríamos de “modernistas”. Seu “fermento” era o ceticismo religioso. O partido de Herodes (Mt 22.16) era composto por judeus de mentalidade mundana, que queriam ficar de bem com os dominadores romanos. O “fermento” de Herodes era o mundanismo e os meios-termos.

Jesus advertiu seus discípulos contra os erros sutis, pois estes permeavam o pensamento religioso daqueles tempos. Hoje, precisamos precaver-nos contra as falsas filosofias que estão sendo injetadas no meio do povo de

Deus através de literaturas daninhas. As falsidades têm de ser enfrentadas pela verdade eterna.

2. *Repreendida a falta de entendimento espiritual.* Os discípulos, preocupados com a falta de provisões, discorriam entre si: “É porque não temos pão”. Pensavam que Jesus estivesse aludindo ao descuido deles em não se proverem. O Senhor, então, diz-lhes claramente: “Para que arrazoais, que não tendes pão? não considerastes, nem compreendestes ainda? tendes ainda o vosso coração endurecido? Tendo olhos, não vedes? e, tendo ouvidos, não ouvís? e não vos lembraís, quando parti os cinco pães entre os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços levantastes? Disseram-lhe: Doze. Como não entendeis ainda?” (Mc 8.17-19, 21).

Que testemunho à veracidade dos autores dos evangelhos que, candidamente, registraram a lentidão mental e espiritual dos seguidores mais diretos de Cristo! Nunca exaltaram o homem nem esconderam as limitações evidenciadas pelos apóstolos. Seu propósito, no entanto, não é levar o leitor a menosprezar os discípulos do Senhor, mas estimular-nos a apreciar plenamente a mudança que o Pentecoste operaria nesses.

V - Ensinaamentos Práticos

1. *A Igreja, um meio de bênçãos.* Cristo entregou os pães aos discípulos, e estes passaram-nos à multidão. Mostra-nos isto que o Senhor Jesus alimenta espiritualmente o mundo através de seus seguidores. Assim como Ele entregou a comida aos discípulos, e estes a colocaram diante do povo, assim entregou-nos a mensagem do evangelho para que a compartilhem com as multidões. “De graça recebestes, de graça dai”. Sem os cristãos, jamais o Evangelho será pregado ou conhecido. Através de nosso trabalho, Jesus verá o fruto da labuta de sua alma, e ficará satisfeito.

Somos “cooperadores com Deus”. Sem mim, nada podeis fazer”. Em certo sentido, a obra de Cristo não progride sem a cooperação dos fiéis.

2. *Pequenos recursos multiplicados para uma grande Tarefa.* A proporção entre os recursos dos discípulos e a tarefa a ser executada era tremenda. Uns poucos pães e peixinhos - e quatro mil pessoas! A tarefa era de fato humanamente impossível.

Pensemos no pecado e na ignorância que há no mundo; consideremos toda a tristeza, e os milhões não evangelizados; vejamos as necessidades espirituais daqueles que nos rodeiam. Diante de tudo isso, reconheçamos quão pequena é a nossa fé. Sim, diante de nossas falhas e limitações, clamemos: “Quem é suficiente para estas coisas?” Sentir a necessidade que assola o mundo é sentir quão fracos são os nossos recursos.

Façamos como os discípulos - levemos nossos poucos recursos ao Mestre. Em suas mãos, tornam-se suficientes. Ele os multiplica. Traga sua pequena fé a Jesus: Ele a aumentará. Peça-lhe: Ele acenderá em seu coração a chama pelas almas perdida. Apresente-lhe sua vontade: Ele dar-lhe-á sabedoria. Coloque aos pés de Cristo as falhas de sua natureza: Ele fará o restante. Deixe a alma sentir que nada representa. Espere nEle com singeleza e fé: Ele lhe concederá poder para que você cumpra a missão que o Pai lhe confiou. Ele derramará o seu Espírito sobre você.

3. *Compartilhando Cristo com outros.* Certo comentarista inferiu que os discípulos partilharam dos pães antes de distribuí-los à multidão. Apesar de não o podermos comprovar, de uma coisa sabemos: eles manusearam os pães antes de passá-los adiante. Somente aqueles que provam, tocam e manuseiam a palavra da vida podem ministrá-la a outros (1 Jo 1.1-3).

No Evangelho de João, vemos como o cristianismo opera. Achamos satisfação em Cristo, por isso o compar-

tilhamos com outros. André compartilhou Cristo com Pedro; Filipe, com Natanael; a mulher samaritana, com o povo da cidade. Segundo os historiadores, foi assim que a Igreja cresceu durante os primeiros três séculos.

Uma boa pergunta para cada um de nós seria: “O quanto de Jesus tenho realmente compartilhado?”

4. *Provisão universal para uma necessidade universal.* “E, comeram, e saciaram-se”. Podemos imaginar com que dúvidas os discípulos começaram a distribuir as provisões, não sabendo quanto tempo os suprimentos durariam. Mas a porção de cada um aumentava à medida em que grupo após grupo era servido. O pão multiplicou-se até que todos ficaram satisfeitos; os fragmentos que sobram demonstram quão suficientes haviam sido as porções de cada um.

Aqui temos um quadro de como o Pão da Vida satisfaz as necessidades do mundo. Atrás das distinções de raça, nacionalidade, costume e temperamento, o coração humano permanece o mesmo.

O Evangelho abrange à humanidade inteira. Só ele ultrapassa os limites geográficos, e faz-se contemporâneo de todos os séculos. Só ele distribui dádivas a todos os tipos de homens. As plantas têm suas zonas de vegetação; fora de certos ambientes, morrem. Mas a semente do Reino é como o trigo: cresce em todos os lugares onde habita o ser humano. Há comidas que requerem paladar educado para serem apreciadas, mas o faminto devora o pão sem perguntar a sua procedência.

5. *Obtendo por meio de dar.* Saciada a multidão, verificou-se ter sobrado o suficiente para alimentar os discípulos por muitos dias. Agora, possuíam mais comida que no início. Cada vez que compartilhamos a Cristo, temos aumentada nossa reserva espiritual. Os pregadores sentem-se alimentados com a própria mensagem por muitos

dias. Falando de Cristo a alguém, não podemos deixar de notar a inspiração que nos vem a alma.

Quem deseja aprender, que ensine. Quem almeja por mais forças espirituais, tem de compartilhá-las com o próximo. Se desejamos amar mais a Cristo, procuremos levar outros a amá-lo. A força espiritual não é obtida na solidão de uma clausura, mas em contato com a multidão faminta. Trabalhe para Deus se quiser viver com Deus. Dê o pão para os famintos se quiser ter comida para a própria alma.

6. Ignorância espiritual. Ao repreender a obtusidade espiritual de seus discípulos, Jesus revelou surpresa, dor e indignação. Não obstante estar tanto tempo com eles, ainda não o entendiam. O que o Senhor disse aos discípulos, aplica-se perfeitamente à nossa situação: “Ainda não considerastes, nem compreendestes?” O fracasso deles era devido a:

a) Falta de sentimento espiritual. “Tendes o coração endurecido?” Não eram endurecidos por se haverem voltado contra Ele, mas por não estarem alertas e sensíveis aos seus ensinamentos. A mente pode impermeabilizar-se pelo formalismo e pela insensibilidade a tal ponto que não venha a ser receptiva aos reclamos de uma vida mais profunda.

b) O não uso das capacidades dadas por Deus. “Tendo olhos, não vedes? e, tendo ouvidos, não ouvis?” Se não empregamos nossas capacidades, perdemos-las. “Àquele que tem, ser-lhe-á dado”. A melhor maneira de se obter vitórias em oração é orando. O modo mais eficaz de se tornar um obreiro eficiente é fazer a obra de Deus, e colocar em prática o evangelismo pessoal. A forma mais dinâmica de se crescer no conhecimento de Cristo é praticar o que já possuímos.

c) A preocupação com as coisas materiais. Os discípulos estavam tão preocupados com a comida natural,

que não perceberam a leve alusão de Jesus ao fermento dos fariseus e ao de Herodes.

Se enchermos o coração com as coisas visíveis e temporais, sobrar-nos-á pouco lugar às coisas invisíveis e eternas. Como remediar semelhante situação? “Não vos lembrais?” Lembrando-nos do que Cristo tem sido e do que já nos tem feito, nosso coração tornar-se-á tenro e “derreterá em consagração”. “Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras” (Ap 2.5).

Ouvidos e Olhos Abertos

Texto: Marcos 7.31-37; 8.22-26

Introdução

Um aspecto comum aos milagres, que estudaremos a seguir, é o modo com que o Senhor trata os que sofrem: pessoal e simpaticamente. Em ambas as passagens, observaremos que o sofredor é conduzido para longe da multidão, para que suas limitações sejam pacientemente acomodadas. O propósito prático deste estudo é salientar Jesus como nosso padrão no serviço do Reino de Deus. Sua maneira de lidar com os sofredores ilustra o espírito com que devemos executar o serviço cristão.

I - Cura do Surdo e Gago (Mc 7.31-37)

1. O sofredor. Em termos gerais, informa-nos Mateus que Jesus voltava para o Mar da Galiléia, procedente das regiões de Tiro e Sidom, quando “veio ter com ele muito povo, que trazia coxos, cegos, mudos, aleijados, e outros muitos, e os puseram aos pés de Jesus; e ele os sarou” (Mt 15.30). Destas curas operadas, Marcos selecionou uma para descrever-nos os detalhes de como Jesus procedia

diante dos que sofrem. “E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente”. A surdez desse homem, como sói acontecer em tais casos, acabou por provocar-lhe dificuldades na comunicação oral.

Esse homem pode ser comparado ao ímpio, cujos ouvidos espirituais acham-se fechados à Palavra de Deus, e em cujos lábios não há orações, nem ação de graças, nem testemunho.

“E rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele”. Outro, porém, seria o método a ser empregado pelo Senhor dessa vez. Ele jamais tratou as pessoas da mesma maneira. Jesus sabe o que há em cada homem; conhece as condições espirituais de cada um de nós. Por conseguinte, enquanto um é curado em meio à multidão, outro é levado à parte para ser restaurado. Um recebe a cura mediante uma só palavra; outro, através de simples toque; e, ainda outro, por meio de uma ordem para que se lave no tanque de Siloé. Para um, o processo de restauração é instantâneo; para outro, antes de ver claramente, é obrigado a enxergar os “homens como árvores, andando”. O método de Jesus era ditado pelas circunstâncias e pelas condições apresentadas pelo paciente. Afinal, Ele é o Médico dos médicos.

“Tirando-o à parte de entre a multidão”. Nesse caso, o Senhor sentiu ser necessária a solidão. Esse homem teve de ser levado para longe da turba a fim de que Jesus nele deixasse uma impressão profunda e duradoura. Algumas pessoas alcançam a bênção ao lado do altar, em meio ao alvoroço; outras são curadas na quietude e solidão. Como especialista em todas as áreas, Jesus dispensa a cada um de nós especial atenção e atendimento personalizado.

2. *A cura.* O Senhor empregou o que parece ser a linguagem dos sinais para inspirar a fé nesse homem. Quase todas as avenidas de aproximação, salvo as da visão e a do toque, estavam fechadas. Mediante sinais,

Cristo desperta a fé do doente, e aviva nele uma viva expectativa de bênção. Cristo utiliza-se dos seguintes meios: 1) Físico. Coloca os dedos nos ouvidos do homem, como se fosse romper o obstáculo que lhe bloqueia a percepção do som. Toca-lhe a língua com saliva, como se dissesse: “Com o poder a mim conferido pelo Pai, tua língua será solta”. A sequidão faz a língua apegar-se ao palato, mas agora é umedecida para que seja solta. 2) Devocional. “E, levantando os olhos ao céu, suspirou”, como se expressasse: “Oro por ti; tua situação me comove. 3) Autoritativo. “E, disse: Efatá; isto é, Abre-te” (Mc 7.34). Este mandamento causa grande impressão em Marcos que, embora escrevesse seu evangelho em grego, reproduziu-a no aramaico.

“E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem”. Muitos falsos messias já haviam surgido, alegando possuírem autoridade para realizar milagres, despertando assim as massas às rebeliões. Tal situação levava os romanos a intervirem violentamente, causando o derramamento de sangue judeu. Como se não bastasse, seus inimigos aguardavam oportunidade para o acusarem às autoridades (Lc 23.5,14,15).

“Mas, quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam” (Mc 7.36). Se os que foram proibidos de testificar não ficaram em silêncio, quanto mais fervorosamente devemos nós anunciar o Evangelho!

“Tudo Ele faz bem”. Cf. Mt 15.30,31. O que o Criador testemunhou de sua obra, pode também ser dito das obras de Jesus: “E viu Deus que isso era bom”. Com certeza alguns dos presentes foram levados a se lembrarem da profecia de Isaías 35.4-6.

II - A Cura do Cego (Mc 8.22-26)

Tanto este milagre, como aquele que acabamos de considerar, possui os seguintes pontos em comum: o Se-

nhor leva o sofrimento à parte, e opera o milagre em particular; há o uso de meios físicos - o toque do Senhor e a saliva no dedo; em ambos os casos é ordenado o sigilo.

O segundo milagre tem uma peculiaridade que o distingue: foi operado em etapas.

1. O doente. “E chegou a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego, e rogaram-lhe que o tocasse”. Segundo certo comentarista, esse cego era gentio, porque a região, situada ao Leste do mar da Galiléia, era habitada tradicionalmente por estrangeiros. Trazido por outras pessoas, ele ficou ali diante do Senhor, indagando-se, quem sabe, sobre o que o estranho judeu poderia fazer a seu respeito. Seu rosto mostrava nenhuma petição para reforçar os rogos dos amigos.

Que ponto de contato haveria entre Cristo e o cego? Este não pôde ver a simpatia estampada no rosto de Jesus. A única solução era o amoroso toque de Cristo, levando o doente para longe da turba, para fora da aldeia. À semelhança do que acontecera no caso anterior, este sugere duas verdades básicas: 1) Uma lição quanto à natureza dos milagres. O fato de ter sido esse operado em segredo, sugere-nos que os prodígios, sinais e maravilhas do Senhor, não tinham como principal objetivo a demonstração fria e automática de seu poder, mas o alívio dos sofrimentos humanos. 2) Uma lição acerca do caráter de Cristo. Ele praticava o próprio ensino: “Ignore a tua esquerda o que faz a tua direita”. O Mestre evitava dois extremos - a demonstração meramente ostensiva de poder, e a negligência dos talentos.

2. A cura. “Aplicando-lhe saliva aos olhos”. Como a saliva não tem poder curativo, conclui-se logicamente que o homem foi restabelecido pela vontade de Cristo. A saliva funcionou como ajuda à fé. Ao tratar com nós seres humanos, o Senhor condói-se de nossa fraca fé. Ele a fortalece com a realidade das coisas externas para que

venhamos a compreender as realidades espirituais. Cf. Is 38.22; 2 Rs 2.20,21; Jo 9.6,7; Tg 5.14.

“Impondo-lhe as mãos”. A imposição das mãos era um símbolo comum de comunicação de poder ou de autoridade. Nm 27.18-20; Mc 16-18; At 8.17; 1 Tm 1.16.

Após a imposição das mãos, Jesus perguntou-lhe se via alguma coisa. Respondeu o que fora curado: “Vejo os homens; pois os vejo como árvores que andam” (Mc 8:24). Seus olhos já captavam um pouco de luz, mas ainda não podiam distinguir as imagens.

“Depois tornou a por-lhe as mãos nos olhos, e ele, olhando firmemente ficou restabelecido, e já via ao longe e distintamente a todos” (Mc 8.24). Por que a cura foi operada de forma gradativa? Porque correspondia à fé que o homem possuía. A fé era a condição da cura, e a medida da fé determinou a medida da restauração. O Mestre tratava cada indivíduo de maneira diferenciada. A condição espiritual daquele cego requeria uma terapia gradual.

3. *A recomendação final.* “E mandou-o para sua casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia”. Jesus não queria excitar a curiosidade da multidão, pois seus milagres visavam reforçar seus ensinamentos.

III - Ensinaamentos Práticos

1. *Visão e serviço.* “Erguendo os olhos ao céu”. Esse gesto de Cristo representa que, na execução do trabalho divino, seu pensamento estava permanentemente voltado ao Pai. Não era o reatamento de comunhão; mas a permanência de uma comunhão que nunca deixou de existir. O serviço eficaz depende de se olhar em direção ao Pai Celeste.

Os que querem passar aos outros uma idéia das verdades celestiais, devem estar com os olhos voltados

para o céu. Se quisermos dar visão aos que se acham espiritualmente cegos, nossos próprios olhos têm de estar abertos às verdades eternas. Que o líder espiritual testifique: “O que temos visto e ouvido anunciamos a vós outros” (1 Jo 1.1-3).

O olhar para o céu concede-nos novas forças para a execução da Obra de Deus. Qualquer serviço espiritual depende do que somos; o que somos depende do que recebemos; e o que recebemos depende da regularidade de nossa comunhão com Deus.

O olhar para o céu não deixa que caiamos na rotina, pois esta pode tirar a vitalidade e o dinamismo da obra de Deus. Quando o trabalho se torna maçante, é sinal que temos mecanismo demais e poder de menos. Um bom remédio para o tédio espiritual é permanecer com o olhar fito no céu, de onde nos vêm novas luzes e inspiração.

2. *Compaixão e poder.* “Erguendo os olhos ao céu, suspirou”. O Senhor Jesus nunca realizou milagres de modo frio e impessoal; sentia-se tocado pelo sofrimento humano. O poder e a compaixão caminhavam de mãos dadas em cada cura. As colheitas no Egito são previstas pela quantidade de lodo que o rio Nilo traz na inundação. Calculando-se a profundidade de lodo, sabe-se o quanto se pode aproveitar da fertilidade. De igual modo, calculando-se a profundidade da compaixão do crente, pode-se calcular até que ponto será frutífero.

A obra cristã sem compaixão é algo frio e sem poder. Pior que o trabalho sem piedade é a piedade sem trabalho. O despertar das emoções somente é válido se nos leva à ação apropriada. Se a compaixão é despertada, e nenhuma ação se lhe segue, resta apenas um coração endurecido. O que dizer dos que, embora sentimentais e portadores de bons sentimentos, são vazios de atos bons?

3. *O contato pessoal é essencial ao serviço eficaz.* Em ambos os incidentes, vemos como Jesus tocou os que queria curar. Tocou o surdo-gago; e, tomando o cego pela mão, levou-o para longe da turba. Seu objetivo era sempre estabelecer amoroso contato com os que recebiam sua ajuda. Esta é a essência da expiação: Deus entrou em contato com a raça humana a fim de salvá-la do pecado. “Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo”.

Jamais ganharemos as almas para Cristo se nos mantivermos distantes delas. O contato pessoal com os que sofrem é a condição indispensável para guindá-los à presença de Deus. O General Booth, fundador do Exército de Salvação, foi tocado de tal forma pelos favelados de Londres, que não temeu ir ao seu encontro falar-lhes de Cristo, e socorrê-los em suas várias necessidades.

4. *Ficando a sós com Cristo.* “Tirando-o da multidão”. Jesus levou o homem para longe da turba a fim de lhe restabelecer a visão. O que era fisicamente verdade foi espiritualmente comprovado. Se quisermos que Cristo nos conceda suas dádivas mais ricas, temos de ficar a sós com Ele. Entremos, pois, em nosso quarto; e, na quietude de nossos aposentos, falemos com o Pai. Mas também é possível estar a sós com Cristo em meio a multidão. O coração piedoso sempre encontra um tempo e um lugar para elevar-se ao trono da graça.

5. *O segundo toque.* Ao primeiro toque de Jesus, o homem viu sem muita nitidez; com o segundo, passou a distinguir tudo claramente. Assim é a experiência espiritual. No início, captamos uma visão parcial e fraca das verdades eternas. Reconhecemos-lhes a importância sem nos importarmos muito com elas. Depois, começam a chegar as experiências que nos abrem os olhos às realidades divinas. É o segundo toque! O Espírito Santo nos abre

os olhos a fim de que saibamos quão maravilhosas são as coisas concernentes à nossa salvação (Ef 1.18).

Pedro sempre soube que Deus não faz acepção de pessoas, mas precisou de um segundo toque para se convencer disto: “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas” (At 10.34). Jó também tinha conhecimento de Deus, mas foi depois do segundo toque que evoluiu de sua alma esta confissão: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem” (Jó 42.5). Será que não estamos precisamos também de um segundo toque?

Cristo e as Crianças

**Texto: Marcos 10.13-16; Dt 6.6-9;
2 Tm 3.14-17; Ef 6.1-4**

Introdução

O lar é o alicerce da nação. O que ameaça a integridade do lar, ameaça também a integridade da pátria. O texto que estudaremos, neste tópico, ajudar-nos-á a desenvolver um tipo superior de vida familiar. E, para que este objetivo seja alcançado, é imprescindível que venhamos a dar especial atenção à educação cristã de nossos filhos.

Vejamos, pois, como o Evangelho de Marcos retrata o Senhor Jesus em seu relacionamento com as crianças. Semelhante exemplo deveria estar permanentemente diante de nós, pois dos pequeninos é o Reino dos Céus.

I - Trazendo as Crianças a Jesus (Mc 10.13-16).

1. Os discípulos repelem as crianças. As mulheres que trouxeram os filhinhos para que Jesus os abençoasse, não esperavam ser repreendidas pelos discípulos. Diante

dessa intolerância, somos obrigados a perguntar: Por que eles agiram assim?

Zelosos pelo bem-estar de Cristo, os discípulos não queriam que ninguém mais o perturbasse. Além do mais, devem ter pensado, que proveito haveriam aquelas crianças de tirar do ministério do Senhor. Segundo a cultura judaica da época, se uma criança não se portasse como um adulto, não poderia jamais ver o Reino de Deus. Em Mateus 18.1-5, o Mestre ensina justamente o oposto. Os discípulos não haviam atinado ainda com o valor dos pequeninos em relação ao Reino de Deus. Com certeza era este o seu pensamento: “São apenas crianças. Que utilidade podem ter na obra de Cristo?” Se pelo menos estivessem doentes; mas pareciam tão saudáveis. Ignoraram que elas também precisavam do Senhor.

2. *Cristo dá as boas-vindas às crianças.* “Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Mc 10.14). O discípulos haviam se comportado com demasiado rigor para com as mães daquelas crianças. Aliás, haviam sido rigorosos até para com o próprio Mestre. A julgar por essa atitude, o povo bem poderia ter concluído ser Jesus alguém insociável. A ação deles mostrou-se contrária à doutrina e à prática de Cristo.

3. *Cristo ama as criancinhas.* “Porque dos tais é o reino de Deus”. Tais palavras significam que as crianças que morrem antes da idade da razão, beneficiam-se automaticamente da obra expiadora de Cristo. Descrevem também as qualidades que devem caracterizar os que almejam entrar no Reino - humildade, docilidade, confiança e simplicidade (Mt 18.1-5).

4. *Cristo abençoa as criancinhas.* “Tomando-as nos braços”. Havia algo em Jesus que atraía as crianças. Perguntaram certa vez a uma menina por que pensava ela que

Jesus sorria. Respondeu a pequena: “Ele deve ter sorrído quando disse: ‘Deixai vir a mim os pequeninos’, senão eles não teriam vindo”.

II - Ensinando a Palavra de Deus às Crianças

(Dt 6.6,7)

No Deuteronômio, acha-se a mensagem de despedida de Moisés a Israel, proferida nas cercanias de Canaã. O servo de Deus passa em revista a história dos hebreus, repete-lhes as leis, e faz-lhes diversas advertências. Deviam sempre lembrar-se das lições do passado, e guardar a Lei de Deus, para que tudo lhes corresse bem no futuro. A Lei do Senhor teria de ocupar posição de destaque em suas vidas.

Rememoraremos a seguir algumas palavras que o grande líder proferiu ao povo.

1. *O tesouro do coração.* “Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração”. A verdadeira religião tem de começar no coração. É impossível praticar a verdadeira religião se esta não vier de dentro, da própria alma. É bom memorizar as Escrituras, mas é melhor conhecê-las no coração, e entregar a elas em obediência.

2. *A herança das crianças* “Tu as inculcarás a teus filhos”. Depois de haver entregue a Lei de Deus a Israel, a preocupação seguinte de Moisés era que fosse conservada e perpetuada de geração em geração. Ordens já tinham sido dadas para que a Lei fosse lida publicamente, mas o libertador dos hebreus indica o lar como o local onde maior influência é exercida sobre as crianças. O lar é a primeira escola, e os pais são-nos os primeiros professores.

3. *O tema da conversa.* “E delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te”. É comum em nossos dias tentar se preservar

o Cristianismo em compartimentos separados e estanques do dia-a-dia. Sai do compartimento para ser arejado na hora do culto, e volta ao mesmo compartimento a fim de passar o restante da semana. O plano de Deus para o seu povo, no Antigo Testamento, era que a sua Palavra permeasse cada aspecto da vida hebréia, e que fosse observada todos os dias da semana. Em certos círculos, a menção de Deus, ou de Cristo, produz calafrios. No entanto, deve ser tão natural conversar sobre as realidades espirituais como discorrer acerca das terrestres.

III - Dever das Crianças

1. Fidelidade à Palavra (2 Tm 3.14,15). Este texto é tirado da mensagem endereçada por Paulo a Timóteo - o discípulo que o seguia mais de perto. Nessa carta, o apóstolo o instrui acerca dos deveres pastorais, e exorta-o à fidelidade e à perseverança.

Embora seu pai fosse gentio (At 16.3), Timóteo havia sido criado como um menino tipicamente judeu, evidenciando assim a influência de sua mãe e da avó, que fielmente observavam Deuteronômio 6.6,7. O apóstolo, por conseguinte, podia lembrar-lhe que “desde a infância sabes as sagradas letras”. A exortação de Paulo tinha como essência: “Não voltes contra tuas antigas convicções; sê fiel ao Deus e à Bíblia da tua infância”.

Este é o propósito das Escrituras: “tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”. A Bíblia tem um tema dominante: a Redenção da Humanidade; e um propósito: ensinar ao homem o caminho da salvação. Contém todas as direções necessárias para guiar a alma da terra ao céu. Quem quiser anunciar a salvação há de se ater à pregação da Palavra.

“Pela fé em Cristo Jesus”. As Escrituras fazem-nos sábios para a salvação através da redenção que nos propicia o Senhor Jesus Cristo. Elas indicam o caminho da

salvação, mas é Ele quem salva: cumprem o seu propósito ao inspirar a fé no Filho de Deus (Rm 10.17).

2. *Reverência pelos pais* (Ef 6.1-3). “Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor”. A obediência inclui: *Sujeição*. As crianças não sabem guiar-se a si mesmas. Ignorando as rochas escondidas nos mares da vida, precisam ser pilotadas pela sabedoria e experiências dos pais. *Honra*. Evitando a descortesia e o desprezo, os filhos devem tratar os pais com respeito e consideração (Dt 27.16; Pv 30.17). *Gratidão*. Ninguém jamais poderá pagar toda a bondade que lhe foi dispensada pelos pais, mas podemos demonstrar-lhes gratidão.

Três razões são-nos dadas para que assim procedamos:

a) É a coisa justa e certa. O dever de obrigação para com os pais é uma das verdades mais simples e universais. Eles foram os instrumentos usados por Deus para que viéssemos ter a vida. Seu amor e cuidado foram indispensáveis para que esta fosse preservada.

b) É uma ordem. “Obedecei a vossos pais no Senhor” significa que este dever tem de ser prestado como se fora ao Senhor; noutras palavras: é um estatuto que precisa ser encarado com espírito religioso.

c) É algo proveitoso e útil. Honrar os pais é o primeiro mandamento com promessa: “para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra”. Afinal de contas, o princípio a que subjaz esta promessa é abundantemente justificado. O dever de obediência aos pais corre tão profundamente na vida humana, que o seu cumprimento traz uma bênção para a alma; da alma, estende-se à constituição física. Na obediência aos pais, acham-se também a temperança, o controle próprio e outros hábitos que nos proporcionam longevidade e prosperidade.

IV - Ensinaamentos Práticos

1. *A necessidade espiritual das crianças.* Os discípulos provavelmente imaginavam serem as crianças por demais imaturas para tirar proveito do ensinamento de Cristo. Hoje, muitos há que pensam a mesma coisa; acham que elas são incapazes de terem uma experiência cristã bem definida. Ouçamos o que diz Spurgeon: “Se você pensa que as crianças nascidas de pais cristãos são superiores às demais, e que haja nelas qualidades que só precisam ser desenvolvidas, já não terá motivação bastante para levá-las a Cristo. Creia-me, irmão, seus filhos precisam do Espírito de Deus para que venham a ter novo coração e um espírito reto. Caso contrário: desviar-se-ão como as demais crianças. Por mais jovens que sejam, há uma pedra no peito que tem de ser arrancada. Sim, esta pedra precisa ser removida, para que a criança não seja destruída. A tendência para o mal, mesmo quando não traduzida em atos, há de ser vencida pelo Espírito. Somente assim a criança experimentará o novo nascimento”.

2. *A capacidade espiritual das crianças.* Não raro, subestimamos a capacidade das crianças. Voltemos a Spurgeon: “Diria que, de modo geral, tenho mais confiança na vida espiritual das crianças, que já recebi na igreja, que na condição espiritual dos adultos. Digo mais: usualmente descubro um conhecimento mais claro do Evangelho, e um amor mais profundo por Cristo, nas crianças convertidas do que nos convertidos adultos. Ficarão ainda mais surpresos se disser que tenho me deparado com crianças de dez ou doze anos com uma experiência espiritual mais profunda do que certas pessoas de cinquenta ou sessenta anos”.

As crianças parecem possuir melhor capacidade para a fé do que os adultos. Suas mentes ainda não se anuviaram com a sabedoria mundana e o ceticismo.

3. *O espírito infantil.* “Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele”. O Senhor não quis dizer que os adultos devem se tornar infantis no entendimento; e, sim, que a sua atitude para com Deus tem de ser caracterizada pela docilidade, simplicidade e confiança. Em suma: deveriam agir para com Deus, assim como as crianças agem para com os seus pais.

A vida moderna com a sua pompa, orgulho e falsidade, tende a fomentar o cinismo e a incredulidade. As tempestades da vida, porém, removem o refúgio da independência e da sofisticação, deixando desnudos os alicerces da própria alma. Então, descobrimos que não passamos de crianças crescidas; tão dependentes e ignorantes que já sentimos a necessidade de ser guiados e ensinados.

Um exemplo do que acabamos de dizer é o do professor S. Heegavd, ex-líder dos livres-pensadores da Dinamarca. Declarando sua volta ao Cristianismo, afirmou: “As experiências da vida, suas tristezas e sofrimentos, quebrantaram minha alma, abalaram os alicerces sobre os quais edificara meu universo. No entanto, procurei e achei paz com Deus. Não abandonei a ciência; agora, ela ocupa outra posição em minha vida. Há somente uma ancoragem para o homem - a fé simples e viva em Cristo”.

“Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças” (1 Co 14.20). Não permitamos que a complexidade da vida moderna aparte-nos “da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2 Co 11.3).

Entesourando a palavra divina. “Estas palavras... estarão no teu coração” (Dt 6.6). Conta-se que Chase, o grande artista americano, tinha o hábito de carregar pequenos objetos nos bolsos para que pudesse admirar-lhes a beleza de quando em quando. Podemos fazer o mesmo com respeito as coisas do Espírito. Levando conosco alguma grande palavra, ou uma gloriosa revelação, pode-

remos mirar as profundezas da eternidade. Mesmo os mais ocupados precisam de quando em quando tirar uma promessa do coração para admirar a beleza do caminho pelo qual trilhamos.

4. *“Tu as inculcarás a teus filhos”*. “Desde a infância sabes as sagradas letras”. As impressões feitas durante a infância, quando a mente e o coração são facilmente moldáveis, permanecem indeléveis. Mesmo que a criança venha a desviar-se mais tarde, não de lhe permanecer na alma as impressões que um dia serão despertadas pelo Espírito de Deus. Testemunha Daniel Webster: “Desde o momento em que, assentado aos pés de minha mãe, aprendi a falar, com aquela pronúncia infantil, os versículos da Bíblia, tais trechos vêm se constituindo em meu estudo diário em vigilante contemplação. Se algo em meu estilo de vida é merecedor de crédito, devo-o à bondade de meus pais em me ensinarem a amar as Escrituras”.

Almejando a Primazia

Texto: Marcos 10.35-45

Introdução

Depois de haver alimentado os cinco mil, ocasião em que se recusara a assumir o trono político de Israel, a popularidade do Senhor Jesus começou a entrar em declínio. E, a cada dia, a silhueta da cruz ficava-lhe mais nítida. Mas isto não o pegou desprevenido, pois sabia muito bem qual o propósito principal de sua missão: dar a vida como resgate de muitos.

Com os discípulos, porém, a situação era bem outra. Embora já tivessem ouvido Jesus fazer três declarações acerca de sua morte, suas mentes ainda não estavam preparadas para assimilar a imagem da cruz. Sobre isso, lemos: “Eles, porém, nada compreenderam acerca destas cousas; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia” (Lc 18.34).

Os discípulos haviam compreendido mal a natureza do reino de Cristo; haviam-no interpretado segundo padrões humanos. Este falso conceito acabaria por induzi-

los a conceber idéias de grandeza que, por sua vez, lhes afetaria a conduta, inspirando-lhes ambições egoístas. Amorosamente, o Mestre corrige-lhes as idéias erradas, e ensina-lhes a essência da verdadeira grandeza.

I - O Perigoso Desejo pela Grandeza

(Mc 10.35-38)

“Concede-nos que na tua glória nos assentemos, um à tua direita e o outro à tua esquerda.” O pedido foi feito por Tiago e João, nomeados “Filhos do Trovão” por causa de seu feroso zelo pelo Senhor. Vejamos, agora, as características desse pedido:

1. *Natural* - Jesus acabara de lhes assegurar que eles haveriam de assentar em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel (Mt 19.28). Era bem natural, pois, que semelhante promessa ocupasse-lhes as mentes, excluindo quaisquer pensamentos com respeito à cruz. Já que Tiago e João, juntamente com Pedro, pertenciam ao “círculo íntimo” do Senhor - nada mais razoável pensar fossem os dois primeiros escolhidos para usufruir de tal honra.

2. *Irreverente e presunçoso*. O pedido foi acompanhado pela falta de modéstia que, por seu turno, faz-se acompanhar de ambição desenfreada. Ambos desejavam que Jesus se prestasse a alimentar-lhes a vaidade.

3. *Egoísta*. Por que um pedido tão egoísta? 1) Estavam pensando apenas em si mesmos, e não no Senhor. Ao invés de pensarem no que podiam lhe dar, lutavam para obter algo que, naquele momento, não deveriam cogitar. Quão prejudicada não fica a Obra de Deus quando os obreiros só pensam em obter dividendos para si! 2) Eles pensavam tão-somente em si, e não no bem-estar do Reino de Deus. No pedido que fizeram, pode-se ler nas entrelinhas: “Queremos lugares de honra, custe o que

custar; mesmo se viermos a causar com isso descontentamento, divisões e mágoas, nós o queremos”.

4. *Parcialmente recomendável*. Por mais egoísta que fosse aquele pedido, pelo menos eles deram a entender que criam que Jesus era o Filho de Deus, e que almejavam participar de sua glória. Mas com o choque da crucificação, suas idéias carnaís com respeito ao Reino de Deus foram desfeitas. E, com a ressurreição do Senhor, foram-lhes restauradas as esperanças futuras.

5. *Ignorante*. João e Tiago ainda alimentavam uma falsa idéia acerca da natureza do Reino de Cristo. Pensavam que as posições a serem ocupadas nesse reino haveriam de ser obtidas na base de favores e amizades. Agiam como aqueles que, para obter um bom emprego, acercam-se dos políticos e poderosos. Ora, se num reino humano o favoritismo é deplorável, o que não dizer do Reino de Deus? Em nenhum caso, as posições podem ser outorgadas meramente com base em conexões familiares e políticas. Há que se levar em conta o alicerce da capacidade e da habilidade.

6. *“Não sabeis o que pedis”*. Observemos com que bondade lhes responde o Senhor. Aliás não apenas bondade, mas também paciência e compreensão. Jesus assemelha-se ao pai que administra o pedido impensado do filho. João e Tiago fizeram o pedido sem levar em conta quão dolorosas seriam as experiências que teriam de passar antes que o seu requerimento lhes fosse deferido.

II - As Condições que Precedem a Grandeza (Mc 10.38-40)

1. *A pergunta*. “Podeis vós beber o cálice que eu bebo, ou receber o batismo com que eu sou batizado?” Eis a lição contida nesta pergunta: A promoção no Reino de Cristo não é obtida por um mero favor. Os que desejam a honra de reinar com Ele, têm de preencher as condições estipuladas, e mostrar-se dignos de tão alto ofício. O

Senhor não tem favoritos. Suas condições e padrões são os mesmos para todos.

2. *A promessa.* Depois de dizerem: “Podemos”, Cristo respondeu: “Bebereis o cálice que eu bebo, e recebereis o batismo com que eu sou batizado; quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado” (Mc 10.39,40). Jesus não quis dizer que lhe faltava poder para atender-lhes o pedido. Antes fez que entendessem que Ele não poderia conceder lugares simplesmente levando em conta fatores como a amizade ou o parentesco. Tudo haveria de ser feito de acordo com princípios e padrões estabelecidos pelo Pai. Todos estavam livres para beber de seu cálice, pois não havia risco de competição. Quanto às promoções na glória celeste, os padrões a serem usados eram outros.

Parece que ambos os discípulos estavam “fazendo política”. Pensavam que o ficar mais perto de Cristo dar-lhes-ia mais influência e poder. Jesus, entretanto, deixa-lhes bem claro que, os que almejam altas posições, precisam qualificar-se para exercê-las.

III. A Natureza da Verdadeira Grandeza (Mc 10.41-44)

“Ouvindo isto, indignavam-se os dez contra Tiago e João”. Isto mostra que tinham o mesmo espírito! Quando alguém se irrita com os defeitos alheios, é sinal de que tem os mesmos defeitos. Assim, o orgulho de um, ao ser manifestado, despertará o orgulho de outro. Quando vencemos nossas próprias falhas, geralmente obtemos vitória sobre as falhas dos outros.

O Senhor derrama a água fresca dos seus ensinamentos sobre os espíritos aquecidos dos seus discípulos. Chamando-os à parte, explica-lhes a natureza da grandeza cristã.

1. *Declarado o padrão mundano.* “Sabeis que os que são considerados governadores dos povos, têm-nos sob seu domínio”. O homem comum considera digno o ser servido e vê indignidade no servir. Isto por causa da importância exagerada que dispensa ao próprio eu. As pessoas se interessam muito mais por si mesmas que pelo seu próximo. O egoísmo exige o serviço pela falsa idéia de que pompa, luxo, riqueza e poder constituem grandeza capaz de elevar o homem acima dos seus companheiros.

2. *Rejeitado o padrão mundano.* “Mas entre vós não é assim”. As classificações mundanas não podem inserir-se na Igreja de Cristo; nenhuma hierarquia, prostração ou beijar de mãos aos assim chamados “príncipes” da Igreja, pois esta é uma democracia espiritual, onde Cristo é o chefe, e todos os membros são irmãos. Portanto, a nenhum líder espiritual se faz necessário chamar “vossa santidade” ou “vossa eminência”. Jesus repreendia as orgulhosas pretensões dos líderes religiosos (Mt 23.8-11). Marcas externas de preeminência - títulos e ofícios concedidos pelos homens - são de nenhum valor para Cristo. O caráter e a conduta são os padrões supremos pelos quais nos julga. Não lhe interessa a posição oficial da pessoa, mas a sua situação espiritual. Para Ele, não é o ofício que faz o homem; mas é o homem que, através da sua vida consagrada, é chamado a exaltar o ofício.

3. *Declarado o padrão verdadeiro.* “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos”. Em muitos ambientes, a grandeza do homem é julgada pela quantidade de serviço que *recebe*; no Reino de Cristo, mede-se a quantidade de serviço *prestado*. A grandeza da pessoa é proporcional à sua disposição em derramar sua energia e talento em atos de generosidade e bondade para com os outros.

IV. O Supremo Exemplo da Grandeza (Mc 10.45).

Jamais pedirá o verdadeiro líder aos seus seguidores o cumprimento de algum dever que ele mesmo não esteja disposto a realizar. Da mesma forma, Cristo apontou o próprio exemplo aos discípulos.

1. O espírito sacrificial de Cristo “Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Cristo nasceu em lar e lugar humildes; passou os primeiros trinta anos da sua vida em absoluta obscuridade e, durante muitos anos, trabalhou como carpinteiro. Embora soubesse ser o Filho de Deus, jamais reclamou direitos reais. A honra e o serviço do mundo não foram colocados à sua disposição.

Seu serviço à humanidade não viera como fruto de posterior decisão: era o propósito pelo qual veio ao mundo. Antes mesmo de sua vinda já fora determinado: Cristo derramaria a sua vida em favor da humanidade.

A declaração de Jesus, conquanto transpirasse humildade, não lhe negava a posição de Filho de Deus. Fosse apenas um carpinteiro, e seria presunção dizer que não viera para ser servido - isto não seria novidade. Porém, vinda de Cristo, a declaração é compreensível.

Note-se que o Antigo Testamento define o Messias como Servo (Is 52.13; 53.12).

2. O ato sacrificial de Cristo. “O Filho do homem veio... para dar a sua vida em resgate por muitos”. Tivesse o Senhor encerrado com as palavras “para ministrar”, e seria mais um na longa lista de mestres que mostravam à humanidade como viver e depois a deixava lutando no lamaçal do pecado. Todavia Ele prosseguiu. Suas palavras confirmam ter vindo Ele não somente para *mostrar* o caminho da salvação, mas para *salvar* à humanidade dos seus pecados.

Sua morte é chamada “resgate”, ou seja, o preço pago para a libertação de prisioneiros. A expressão “veio” sugere-nos morte planejada antes de seu nascimento. Apenas uma vez refere-se Jesus ao “nascer” - de resto, menciona o ser “enviado”, ou “vir” ao mundo. Cristo sabia de sua pré-existência.

V. Ensinaamentos Práticos

1. *Pedidos em ignorância.* “Não sabeis o que pedis”. Compare as palavras de Tiago: “Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.3). É uma bênção que Deus não atenda todas as petições; o que pedem certas pessoas certamente seria a sua ruína. Se uma criança pedisse um revólver carregado, o pai lhe recusaria imediatamente o pedido. Da mesma maneira Deus, mais sábio e amoroso que os pais terrestres, não nos concederá nada que venha a prejudicar-nos. Que teria acontecido concedesse o Senhor o pedido de Tiago e a João? A posição de honra os levaria a tão grande orgulho que fatalmente cairiam na condenação do diabo. Houve ocasião em que Deus atendeu a um pedido que não coincidia com sua vontade: “Concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma” (Sl 106.15).

2. *Respostas não reconhecidas.* Tiago e João realmente obtiveram o que pediram, mas a resposta foi diferente do que esperavam. Ao pedirem um trono, apontou-lhes Jesus o meio de consegui-lo: através da disciplina e sacrifício. Esta foi a resposta à sua oração.

Muitas de nossas orações são respondidas, mas não reconhecemos a resposta. Por exemplo: oramos pedindo mais fé, e eis que somos assaltados por temores e dúvidas; pedimos humildade, e Deus permite sejamos humilhados; suplicamos por mais amor, e Deus permite que pessoas de difícil trato nos atravessem o caminho; imploramos paciência, e Deus envia-nos tribulação.

Assim como Pedro ficou certa vez do lado de fora de uma reunião de oração, esperando ser reconhecido (At 12.7-17), muitas respostas estão batendo à porta da nossa mente, esperando reconhecimento.

3. *A ambição, uso e abuso.* A ambição por si mesma legítima, tem sido terrivelmente deturpada, como tanta outras coisas boas. A ambição é nociva quando dirigida a fins egoístas, descuidando do bem-estar alheio. Napoleão estava disposto a sacrificar um milhão de vidas para realizar suas ambições - um exemplo de ambição aliada à mente destruidora.

A ambição agrada a Deus quando representa intenso desejo de atingir maior eficiência no serviço de Deus e a favor da humanidade. Podemos estabelecer o seguinte princípio: quando a ambição busca tirar das pessoas alguma coisa ou exigir seus serviços, é ilegítima; quando se mostra desejosa por servir ou acrescentar algo aos outros, é genuína.

Estar em boas condições espirituais diante de Deus é ambição louvável. O cristão é exortado a desejar os melhores dons a fim de bem edificar a igreja (1 Co 12.31; 14.12).

4. *A aristocracia de Deus.* “Aristocracia”, no original grego, quer dizer “o governo dos melhores”. Veio a ser aplicada à nobreza de certos países, que originalmente recebiam sua posição e poder através de patente real. Depois, a posição passava aos descendentes diretos. A única nobreza que Deus procura é a do caráter. No seu Reino, a verdadeira dignidade é o humilde serviço; e a abnegação, a medida da grandeza. Rege melhor quem serve com maior eficiência. O maior é o que mais sacrifica.

Um dos nobres de Deus pediu, ao morrer: “Não dobrei minhas mãos no peito. Deixem-nas abertas, prontas para o serviço. Tive tanto prazer e proveito no meu servi-

ço aqui, que acredito ter o Mestre algo para eu fazer no porvir. Deixem as minhas mãos abertas para o serviço”.

5. *O destronamento do próprio eu.* Os discípulos eram homens leais, que tudo deixaram por causa do Mestre; mas, a julgar pelo pedido de Tiago e João, não tinham renunciado ao próprio eu. Enquanto o divino Mestre humilhava-se a fim de servir aos outros, desejavam eles ser exaltados para serem servidos. A Cruz estava no centro da vida do Mestre; quanto a eles, ocupava o lugar o próprio eu.

O grande momento da vida do ser humano é quando o “eu”, destronado, cede o lugar a Cristo.

O Getsêmani

Texto: Marcos 14.32-42

Introdução

Na noite em que foi traído, o Senhor Jesus celebrou a Páscoa com os seus discípulos, e deu-lhes as instruções a fim de que a comemoração de sua morte expiadora fosse feita mediante a Santa Ceia. Depois de sua mensagem de despedida (Jo 14-16), orou com os discípulos (Jo 17). Em seguida, foi para o Getsêmani passar algum tempo em oração. Era o seu costume recolher-se em oração toda vez que se avizinhava uma crise. Nesta ocasião, iria preparar-se para os sofrimentos da cruz.

Um de seus lugares prediletos para se recolher era o jardim do Getsêmani, cujo nome em hebraico significa “prensa de azeite”. Por certo havia, entre aqueles olivais, uma prensa desse tipo. Foi ali que “o bom azeite foi prensado por sofrimentos e agonia sem paralelo, a fim de que o precioso líquido se derramasse em muitas feridas”.

I - Os Companheiros de Cristo (Mc 14.32,33)

Na história da agonia do Getsêmani, não devemos perder de vista o fato de que o Filho de Deus possuía uma

natureza humana. Embora sem pecado, estava sujeita às nossas enfermidades (Hb 2.17). Lembremo-nos ainda que Ele foi “tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Uma das manifestações da natureza humana de Cristo foi a sua necessidade de companheirismo e simpatia naquela hora tão difícil.

1. *Perto de Cristo.* “E foram a um lugar chamado Getsêmani, e disse aos seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu oro” (Mc 14.32). Note-se que oito dos discípulos não entraram com Cristo no jardim. Isso significa que há aqueles que, por causa da imaturidade espiritual e falta de profundidade, não podem acompanhar a Cristo nas experiências que envolvem renúncia e sofrimento.

2. *Mais perto de Cristo.* “E tomou consigo a Pedro, e a Tiago e a João, e começou a ter pavor, e a angustiar-se. E disse-lhes: A minha alma está profundamente triste até a morte: ficai aqui, e vigiai” (Mc 14.32). Os três discípulos faziam parte do “círculo íntimo” de Jesus. Apesar de o Senhor não ter favoritos, temos de convir: há aqueles que mantém uma comunhão mais estreita com Ele. Os tais desfrutam do privilégio de participar de seus sofrimentos, e compartilhar de sua glória. Dois deles, inclusive, já haviam reivindicado altas posições na glória futura de Cristo. Chegaram a dizer estarem dispostos a beber do cálice dos sofrimentos do Senhor. Sua oportunidade, enfim, havia chegado!

3. *Tão perto - porém tão longe!* “Ficai aqui, e vigiai. E, tendo ido um pouco mais adiante...” (Mc 14.34,35) Os três discípulos podiam desfrutar da presença de Cristo, vigiar com Ele, e mostrar-lhe sua simpatia. Mas, apesar de o conhecerem melhor que os outros, não eram capazes de entender o fardo do sofrimento expiador que recaía sobre a alma do Senhor. No cenáculo, Ele havia orado com os discípulos; agora, teria de orar sozinho.

II - A Oração de Cristo (Mc 14.33-39)

“E, tendo ido um pouco mais adiante, prostrou-se em terra; e orou para que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. E disse : Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, e, sim, o que tu queres” (Mc 14.35,36).

Sua oração foi caracterizada por:

Intensidade. A Epístola aos Hebreus diz-nos que Jesus ofereceu-se “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas” (Hb 5.7). Lucas conta-nos que o seu suor transformara-se em gotas de sangue. Os evangelistas raramente descrevem as emoções de Jesus. E, delas, o Mestre falava ainda menos. Mas nesta hora solene, o véu é levantado por um momento para que reconheçamos que, como Filho do homem, Ele está engajado na mais severa agonia espiritual de seu ministério.

Repetição. A oração é repetida três vezes. Tem-se sugerido que, assim como no deserto Satanás impetrou três ataques para afastar Cristo de sua obra, agora, no jardim, faz outras três tentativas para afastá-lo da cruz.

Submissão. “Contudo, não seja o que eu quero, e, sim, o que tu queres”. Duas vontades acham-se presentes aqui - a vontade de Jesus e a vontade do Pai. Possuindo uma natureza humana, era natural que o Mestre ficasse horro-rizado com a expectativa da dor e da vergonha. Assim como o leme dirige o navio, a vontade dirige-nos a natureza. Por um ato de sua vontade, Jesus guia sua natureza humana em direção ao que planejara o Pai Celeste. Fez-se isso em face a um furacão de terríveis tentações, que poderia tê-lo arrastado para longe de seu curso.

Eis o propósito central da oração no jardim: que a vontade de Deus seja cumprida, custe o que custar.

A resposta. Jesus não orou em vão. Sua oração foi ouvida (Hb 5.7). Qual a resposta que lhe deu o Pai? Um

mensageiro celestial foi enviado a fim de lhe conceder as forças necessárias para que Ele viesse a cumprir a vontade do Pai. Três vezes Paulo orou para que lhe fosse removido o espinho na carne; a oração foi ouvida, mas o espinho não foi removido. A resposta era clara: “A minha graça te basta”. Seja qual for a natureza do espinho, sua continuação constituiu-se na vontade de Deus, que também lhe concedeu forças para sofrê-lo.

III - O Cálice de Cristo

Quando Cristo orou para que o “cálice” passasse de si naquela hora tão difícil, a que se referia?

1. A natureza do cálice. As seguintes explicações têm sido dadas:

a). Muitos crêem que o cálice era um ataque satânico contra a sua vida. De acordo com este ponto de vista, o diabo buscava matá-lo para que Ele não fosse pregado ao madeiro. Jesus, segundo esta teoria, orava para que tal momento lhe fosse poupado.

b). Alguns crêem que a agonia no jardim era um padrão de oração de inteira submissão à vontade de Deus; a oração que clama por libertação e, depois, entrega-se totalmente à vontade de Deus. Mas não parece provável que Jesus recuasse ante o propósito supremo de sua vinda ao mundo.

c). Nosso ponto de vista é que este incidente descreve a tentação satânica que tinha por objetivo desviar a Cristo de seu dever. Em ocasiões anteriores, o tentador já havia procurado fazer o mesmo (Mt 4.1-11; 16.21-23; Jo 6.15). Nada mais natural, portanto, que desfechasse seu pior ataque a poucas horas da crucificação. Tão intensa era a luta contra a tentação que o Senhor parecia esmagado sob tanta pressão psicológica e espiritual (Hb 12.3,4 e Lc 22.44).

Qual a explicação para o pedido de Jesus: “Passa de mim este cálice?” O Evangelho de João, escrito depois dos demais, muitas vezes suplementa aquilo que está registrado nos outros três. João registra a própria interpretação que Jesus deu à sua oração: “Agora está angustiada a minha alma”, disse Ele, pensando na sua morte futura (Jo 12.27). Depois menciona a tentação que atacava o lado humano de sua natureza: “E que direi eu? Pai, salva-me desta hora?” Ele mesmo rejeita a sugestão: “Mas precisamente para este propósito vim para esta hora”.

Ao pedir que o cálice passasse de si, Cristo mostrou em que situação achava-se sua vida; porém, ao fazer esta entrega: “contudo, não seja o que eu quero, e, sim, o que tu queres”, lança de si a tentação, vencendo-a de forma radical. E, quando recomendou aos discípulos: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”, descrevia a experiência que ele mesmo estava passando. O inimigo estava atacando a natureza humana impecável de Cristo, mas Ele vigiava e orava para que o seu espírito vencesse.

2. *O conteúdo do cálice.* O que buscava realmente o diabo ao tentar a Cristo? No deserto, havia procurado *distrain* a Cristo de seu dever, oferecendo-lhe prospectos brilhantes de glória e sucesso sem sofrimento; no Getsêmani, procura *afugentar* o mesmo o Cristo da cruz, enfatizando todos os seus horrores. Que horrores constituam o cálice?

3. *A solidão.* Há momentos de silêncio que refrigeram, mas a solidão pode ser opressiva, quando se é mal-entendido; quando se tem de enfrentar tudo sozinho;

4. *A angústia mental.* Enquanto Jesus pensava na oposição dos líderes judaicos, na sua rejeição pela nação em geral, na traição de Judas, com certeza deve ter cogitado acerca do efeito que a sua morte iria causar em seus discípulos (Lc 23.27-30).

3. *Tristeza*. “A minha alma está profundamente triste até a morte”. No Jordão, Jesus havia sido batizado com poder; agora estava passando pelo batismo do sofrimento. Certa vez, fora transfigurado pela glória divina, agora estava transfigurado pela angústia. Quanto mais alta a natureza, tanto maior a capacidade para enfrentar o sofrimento. O homem tem mais capacidade para enfrentar o sofrimento do que o animal. Quando Deus toma a natureza humana e insufla-lhe mais ânimo, quem pode lhe medir a capacidade divina para o sofrimento?

4. *A desolação da alma*. “Começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia”. Uma coisa é certa - os escritores inspirados não estavam descrevendo um recuo ante a morte *física*. Neste caso, Jesus haveria de ser superado por muitos mártires; além disto, sua conduta sempre foi caracterizada pela total ausência de medo. Tudo se torna claro quando começamos a entender que Ele estava sofrendo ali como sacrifício pelo pecado, e que a nuvem do pecado estava passando entre Ele e Deus, de tal modo que tinha de beber o cálice da ira divina. Estava sendo esmagado por um fardo pior do que a morte - o fardo das nossas ofensas. Aquele que não conheceu pecado estava para ser feito pecado por nós (2 Co 5.21). Estava se preparando para o grande sacrifício, tomando sobre si os pecados do mundo.

IV - A Advertência de Cristo (Mc 14.37-42)

“Voltando, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão, tu dormes? não pudeste vigiar nem uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação”.

Cristo permaneceu em oração vigilante. O resultado é que resistiu e venceu a tentação. Os discípulos dormiam ao invés de vigiar e orar, e o resultado é que fugiram diante da tentação. Quando os sacerdotes e os oficiais entraram no jardim, a calma de Jesus demonstrou que Ele

já havia orado até obter a resposta. Quando os discípulos o abandonaram, ocasião em que Pedro também o negou, vê-se que eles não haviam prestado atenção à advertência de vigiar e orar para não entrar em tentação. A crise revela a extensão e a profundidade da vida de oração.

“E veio pela terceira vez, e disse-lhes: Ainda dormis e repousais! Basta! chegou a hora; o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos!” Do ponto de vista de Jesus, não havia mais motivo para eles despertarem. Já haviam perdido a oportunidade (que não mais voltaria) de ajudá-lo na hora de sua mais profunda agonia. Agora, na sua compaixão pelo cansaço deles, permite que durmam. Mas algo estava para acontecer que tiraria o sono de todos. O passado já estava findo, agora teriam de enfrentar o futuro.

V - Ensinaamentos Práticos

1. *A oração secreta.* A oração de Jesus era secreta. O Senhor por um pouco se havia apartado de seus discípulos. Podiam segui-lo ao jardim por uma questão de simpatia e companheirismo, mas não podiam entrar nas profundidades de seu conflito.

Há fardos e problemas que não podemos compartilhar com os outros. Há certas transações a serem feitas entre Deus e a alma somente; ninguém mais há de estar presente. Há momentos em que, como Jacó, temos de ser deixados lutando a sós com Deus.

Não é necessário, porém, que esperemos que alguma crise nos force a buscar a presença de Deus. Sempre é vantajoso ficar a sós com Deus nalgum lugar. “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto” (Mt 6.6).

2. *A grande entrega.* “Não seja o que eu quero, e, sim, o que tu queres”. A vontade de Deus é a vontade suprema do universo. Ser entregue àquela vontade significa segurança e paz; opor-se a ela só pode levar a dor e a tristeza.

Às vezes não procuramos o pecado diretamente, mas buscamos o próprio-eu. Podemos imaginar que estamos abrindo mão de muitas coisas por amor a Deus, mas a última coisa que abandonamos é a vontade própria. Às vezes também pensamos que estamos fazendo a vontade de Deus quando, de fato, procuramos identificá-la com aquilo que queremos fazer e com aquilo que desejamos ter. Por um tempo, podemos conseguir iludir-nos a nós mesmos, mas a nossa vida fica fora de harmonia com os nossos melhores interesses, e mais cedo ou mais tarde sentiremos a dor.

Nas grandes crises de sua vida, Jesus harmonizou sua vontade com a vontade de Deus. Aquela vontade levou-o ao Calvário, mas seguiu-se a ressurreição e a exaltação. A desobediência de Adão fez do paraíso um deserto, mas a obediência de Jesus transformou o deserto em paraíso, e fez do Getsêmani a porta para o céu.

Inteira resignação à vontade de Deus traz verdadeira paz e coragem. Quando um pregador, durante a sua derradeira enfermidade, foi indagado por um amigo se achava realmente estar à beira da morte, respondeu: “Realmente, amigo, pouco me importa. Se morrer, estarei com Deus; se viver, Deus estará comigo”.

3. Vigilância e vitória. A vigilância é tão necessária como a oração. O inimigo é sutil e não nos avisa da ocasião nem do método de seu ataque. Possui numerosas e variadas maneiras de fazer as pessoas tropeçarem. Se souber que uma tentação é por demais grosseira para nos fazer nela cair, escolherá uma forma mais refinada e “respeitável”.

“Conhece-te a ti mesmo” é um conselho antigo e sábio. A vigilância inclui o conhecimento dos nossos pontos fracos, e também dos nossos pontos fortes. Nossa tendência é deixar de vigiar os pontos fortes. Todo estudante de história já leu como castelos e fortalezas foram

tomados pelo inimigo; foram tomados exatamente onde achavam-se mais bem guardados, onde a vigilância era considerada inútil.

O fiel Abraão pecou pela desconfiança na providência divina; o humilde Moisés perdeu a paciência com o povo; o sábio Salomão se entregou a estultícias, e o leal e corajoso Pedro foi tomado pela surpresa e acabou por negar o Senhor. O ditado diz que “a eterna vigilância é o preço da liberdade”.

4. *A vitória sobre a tentação.* A tentação é comum a todos os homens, mas não precisa necessariamente vencê-los. O cristão que sucumbe diante de uma tentação não pode dizer que esta era forte demais para ele, mas que ele achava-se fraco demais para ela (1 Co 10.13). A garantia de que não estamos forçados a sucumbir à tentação já é, em si mesma, fonte de fortaleza. Como vencer a tentação?

a). Evite as oportunidades da tentação. Certo pregador deu o seguinte conselho a um jovem crente: “Quando estiver em dificuldades, ajoelhe-se e ore pedindo a ajuda de Deus; nunca porém, atravesse a cerca para entrar no terreno do diabo para então ajoelhar-se pedindo ajuda. Ore na vontade de Deus”. Mesmo quando permanecemos no centro da vontade de Deus, o diabo pode nos tentar. Se, porém, sairmos da vontade divina, e entrarmos no território do diabo, estaremos *tentando o diabo!* Noutras palavras, estamos nos convidando à tentação.

b). Resista aos começos. É melhor nem mexer nem provar. Muitos que se sentiram livres para começar não se sentiram livres para deixar. Livingstone conta que há na África uma libélula que caça sua presa apelando para a sua curiosidade. Quando está no estado de larva, come formigas, e caça-as da seguinte maneira: enterra a cabeça na terra e fica sacudindo a cauda no ar. Quando as formigas se aproximam para ver o “fenômeno”, são aprisiona-

das. Com este método o diabo tem arruinado muitas pessoas que se acham curiosas para ver como é o pecado.

c). Enche o coração e a mente com aquilo que é bom e sadio, para deixar nenhum lugar ao mal. Devemos vincular-nos a uma causa que consuma todas as nossas energias. Povoar a nossa mente com bons pensamentos não dará lugar aos maus pensamentos; povoar a vida com atividades expulsará as atividades más de nosso ser.

d). Ore. Se conhecêssemos de antemão a natureza e o tempo de uma tentação, poderíamos nos preparar para ela. Infelizmente, as provações e as tentações usualmente chegam sem aviso prévio. Como, pois, fortalecer-nos de antemão? Pela oração! Pedro e os seus companheiros nada sabiam da natureza do teste que estavam para enfrentar, mas se tivessemorado tão fervorosamente quanto o Mestre, estariam prontos para enfrentá-lo e vencê-lo. Mediante a oração regular, armazenamos forças para os conflitos da vida. Edificamos a nossa casa no alicerce da rocha, protegendo-a de antemão contra as tempestades e as inundações (Mt 7.24-27).

5. *O passado irreparável e o futuro disponível.* “Ainda dormis e repousais!... Levantai-vos, vamos!” Em vão, Cristo havia advertido os discípulos; a oportunidade já se lhes havia escapado. Então, Jesus, deixando de lado o passado irrevogável, indica o dever imediato: “Lavantai-vos, vamos!” Se é ruim perder uma oportunidade, pior é ficar se lastimando. Quem é sábio para aprender com o próprio erro, pode afirmar como Paulo: “Esquecendo-me das cousas que para trás ficam... prossigo para o alvo” (Fp 3.13,14).

A Crucificação

Texto: Marcos 15

Introdução

Estudaremos, agora, a antiga e familiar história da crucificação de Cristo. Embora nada de novo se há de apresentar à narrativa, haveremos sempre de aprender algo de novo sobre o seu significado. Quando mais progredimos na vida espiritual, mais percebemos os vislumbres da verdade da cruz. Não podemos melhorar o sol e as estrelas, mas podemos aumentar o nosso conhecimento sobre eles. Semelhantemente, nada podemos fazer para melhorar o Evangelho, mas haverá sempre lugar para aperfeiçoarmos nosso entendimento acerca das boas novas.

Desejamos que este ato supremo do drama divino cause profunda impressão nas vidas dos leitores. Queremos, portanto, apelar à personalidade inteira de cada um - intelecto, sentimentos e vontade.

1. A seção histórica deve despertar-nos as emoções quanto aos sofrimentos de Cristo.

2. A seção doutrinária apelar-nos-á ao intelecto, e ajudar-nos-á a entender o significado da cruz.

3. A seção prática deve apelar-nos à vontade, comovendo-nos a viver por Aquele que morreu por nós.

I - Seção Histórica: A História da Cruz

1. *Cristo sob a cruz* (Mc 15.22,23). Jesus começou por carregar a sua cruz conforme se exigia dos condenados. Fraco e exausto após as muitas chicotadas, caiu sob o peso do madeiro. As autoridades romanas, então, obrigaram a Simão, um judeu de Cirene, a carregar-lhe a cruz. E, assim, Cristo é levado ao Gólgota, que significa “lugar da caveira”; dava-se tal nome à colina provavelmente em virtude de sua forma arredondada e desnuda. O lugar da execução era situado fora da cidade (Hb 13.11-13).

Um grupo de senhoras benevolentes, segundo o costume, davam vinho misturado a narcóticos aos condenados a fim de lhes aliviar os sofrimentos. Nosso Senhor recusou tal estupefaciente, pois estava mais que resolutivo em cumprir a sua missão: sorver até às últimas gotas o cálice que o Pai lhe dera. Não queria morrer pelo mundo com a mente anuviada por drogas.

2. *Cristo na cruz* (Mc 15.24,25,28) Foi na terceira hora judaica (9 da manhã) que pregaram Jesus no madeiro. Os sofrimentos prolongaram-se até as três da tarde. A crucificação era uma morte longa e dolorosa, e a vítima podia continuar assim até por 36 horas. Não é de se admirar que Pilatos ficasse surpreso (Mc 15.44) quando ouviu estar o Senhor Jesus já morto. A única explicação possível é que os sofrimentos espirituais apressaram-lhe a morte.

As roupas de Cristo foram divididas entre os algozes. Sendo o seu manto feito duma só peça, lançaram sortes para saber a quem tocaria. Assim acrescentavam à humilhação de Cristo mais esta afronta: o espólio de suas

vestes. Os endurecidos algozes sem o saberem, cumpriam profecias messiânicas (Sl 22.16-18).

O fato de Cristo ser crucificado entre dois ladrões bem ilustra a malícia de seus inimigos. Foi colocado no meio como se lhe concedessem a supremacia na vergonha e na degradação. No entanto, o que foi feito para humilhá-lo redundou em honra. Foi cognominado de “Amigo de Pecadores”, pois sempre estava no meio deles; e, agora, na morte, continua no meio deles para por eles morrer. A despeito de sua agonia, consegue forças suficientes para pronunciar a sentença de perdão ao ladrão penitente (Lc 23.40-43). Ao mesmo tempo, é cumprida outra profecia: “Foi contato entre os transgressores” (Is 53.12).

3. *A inscrição sobre a cruz* (Mc 15.27). “O Rei dos Judeus”. Talvez para afrontar os judeus que o forçaram a condenar Jesus, Pilatos escreveu aquelas palavras como acusação. Os líderes dos judeus tinham razão em queixar-se daqueles dizeres, pois se tratava de proclamação e não de acusação (Jo 19.21,33). Era, porém, contrário à lei romana alterar a acusação uma vez inscrita sobre a cruz, por isso respondeu Pilatos sem rodeios: “O que escrevi, escrevi”. Se o governador romano soubesse dos propósitos divinos, teria escrito: “O que escrevi, Deus escreveu”. Mesmo na morte, o crucificado é proclamado Rei. A cruz tem sido o caminho mediante o qual o Senhor Jesus subiu ao trono de milhões de corações.

As pessoas perto da cruz (Mc 15.29-32,40,41). Três atitudes são ilustradas:

a). Apatia ou indiferença, manifestada pelos soldados que tiravam sortes ao pé da cruz, tipificando os que vivem como se Cristo nunca tivesse existido.

b). Simpatia, ilustrada pelo grupo de mulheres que ficou perto da cruz, e que até aqui acompanhou o Senhor.

c). Antipatia ou oposição tipificada pelos líderes e transeuntes que se aproximavam dEle para zombar. Con-

sideravam-no o quadro da fraqueza, sem perceberam que “a fraqueza de Deus é mais forte que os homens”.

4. *As palavras da cruz* (Mc 15.34-37). “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” O que significam estas palavras? Cristo citava as Escrituras. Os judeus, que conheciam bem suas Bíblias, seriam levados a pensar no Salmo 22, que descreve uma pessoa piedosa, cercada por algozes que fazem jogatina para dividir-lhe as vestes. Reconheceriam que, nessa passagem, Davi descrevia os sofrimentos do Messias, antevendo a cena da cruz. Chegariam a perguntar se Jesus não seria de fato o Messias. Talvez isto explique por que muitos judeus deixaram a cena da crucificação, batendo no peito em sinal de remorso (Lc 23.48).

Por que era necessário que Cristo sofresse temporariamente o abandono de Deus? Não estava sofrendo como mártir - senão, a presença de Deus estaria com Ele. Sofria como sacrifício pelo pecado (2 Co 5.21), carregando os opróbrios do mundo. Se entendemos que Ele foi feito pecado por nós, então compreenderemos por que um Deus santo desviou dEle o rosto. Cristo estava suportando a penalidade pelo pecado, que é a separação de Deus.

Os soldados não entenderam aquele clamor, e pensaram estivesse Ele chamando por Elias para vir ajudá-lo. Um deles foi correndo a procurar vinagre (vinho tosco) para oferecer-lhe, enquanto os presentes diziam que, já que clamava ao profeta, que o profeta viesse-lhe em socorro.

Há muitos que não entendem o clamor de Cristo. Aham que semelhante manifestação contradiz-lhe as reivindicações anteriores de ser Ele o Filho de Deus. Outros zombam e consideram que o clamor é um sinal do fracasso de sua obra.

5. *Os sinais que acompanharam a cruz* (Mc 15.33,38,39). Assim como manifestações sobrenaturais

acompanharam o nascimento de Cristo, sua morte foi de igual modo marcada. Primeiro a escuridão, como se fosse velar os sofrimentos do Filho de Deus; como se a própria natureza ficasse enlutada com o horrível daquele ato. Em seguida, o véu do templo é rompido, ensinando que, por meio da morte expiadora de Cristo na cruz, fica abolida a antiga aliança com suas cerimônias. Doravante, tornava-se possível o acesso direto à presença de Deus (Hb 10.19-22; 4.14-16).

A atitude de Cristo na cruz, e os sinais que lhe acompanhavam a crucificação, convenceram o centurião romano que Jesus não era um mortal. “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus”. Um homem, pelo menos, captara um vislumbre do verdadeiro significado da cruz.

II - Doutrina: O Significado da Cruz

Em que sentido Cristo morreu pelos nossos pecados? Sua morte é descrita como:

1. *Expição*. A palavra “expiar”, no Hebraico, quer dizer literalmente “cobrir”. Expiar o pecado é cobri-lo da vista de Deus, de tal modo que não mais provoque-lhe a justa ira. Na expiação, o pecado é apagado, removido, lançado no fundo do mar, e perdoado. A morte de Cristo é expiadora, pois nos remove os pecados (1 Pe 2.24; 2 Co 5.21).

2. *Uma propiciação*. Propiciar é aplacar a justa ira de Deus mediante a oferta de um sacrifício remidor. Em sua misericórdia, o amoroso Deus aceita a dádiva e restaura o pecador. Cristo é descrito como uma propiciação (1 Jo 22; Rm 3.25). Tratou de tal modo com o pecado, que os poderes deste, em nos separar de Deus, foram anulados. Eis porque, em nome de Jesus, podemos nos aproximar do Pai. O acesso a Deus foi comprado em Cristo, mediante sua morte.

3. *Uma substituição.* Os sacrifícios no Antigo Testamento visavam a substituir o ofertante: representavam o pecador diante do altar, pagavam o que o homem do velho pacto não podia pagar. Da mesma forma, quando Cristo morreu na cruz, fez por nós aquilo que não poderíamos ter feito jamais por nós mesmos. “Porque Cristo, quando éramos ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Rm 5.6).

4. *Redenção.* Redimir quer dizer comprar de volta mediante o pagamento de um preço; soltar da escravidão pagando o devido preço; comprar no mercado e levar embora de lá. A obra de Jesus é descrita exatamente como redenção ou resgate (Mt 20.28; Ap 5.9; 14.3,4; Gl 3.13; 4.15; Tt 2.14; 1 Pe 1.18). O Filho do Homem veio ao mundo para dar a vida em resgate de muitos (Mt 20.28).

5. *Uma reconciliação* (2 Co 5.18,19; Cl 1.21). Alguns imaginam que a expiação significa que Deus estava zangado com o pecado, e pôs-se longe deste até que sua ira fosse aplacada pela morte do Filho. Noutras palavras: Deus precisava ser reconciliado com o pecador. Mas este é um falso conceito. Em toda a Escritura, Deus, a parte ofendida, é quem toma a iniciativa em providenciar expiação para o homem. Foi Ele quem vestiu nossos primeiros pais, quem ordenou os sacrifícios mosaicos, e foi Deus quem “amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito”. Paulo não ensinou que Deus foi reconciliado ao pecador mediante a morte de Cristo, mas que Deus fez algo para reconciliar o homem consigo mesmo. Agora é só proclamarmos o Evangelho para que o pecador usufrua desta reconciliação.

III - Ensinaamentos Práticos

Estudamos a cruz como fato histórico e como verdade doutrinária. Nesta seção, discuti-la-emos como poder para o nosso cotidiano.

Três tipos de morte entram na experiência cristã completa. 1) A morte *no* pecado, que nos trouxe a condenação (Ef 2.1; Cl 2.3). O pecado levou a alma a merecer a penalidade da morte espiritual ou separação de Deus. 2) A morte *para* o pecado, que nos traz a justificação. Na cruz, Cristo carregou por nós a sentença de uma lei violada, e somos por isso contados como quem padeceu a sentença; ou seja, o que Ele fez *para* nós agora é contado como tendo sido feito *por* nós (2 Co 5.14; Gl 2.20). Seremos considerados legal, ou judicialmente, livres da penalidade da lei violada se, pela fé pessoal, consentirmos naquela transação. 3) A morte diante do pecado entra em nossa santificação. O que é verdade para nós deve ser feito verdade em nós. A morte à penalidade do pecado deve ser seguida pela morte ao poder do pecado.

Faz mais de 19 séculos que Cristo morreu para livrar-nos da penalidade do pecado, e esta bênção somente pode ser aceita e reconhecida pela fé. Mas Ele morreu também para libertar-nos do poder do pecado, e isto também deve ser transformado em realidade mediante a fé. Muitos daqueles que aceitaram o perdão que Jesus outorga, não receberam ainda a vitória sobre o poder do pecado. No entanto, confiar em Cristo para a vitória diária sobre o pecado é tão simples como confiar nEle para a remissão de pecados passados. Declara-se que “o nosso velho homem (a velha natureza) foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos” (Rm 6.6).

E já que o poder do pecado está quebrado, devemos obedecer a esta exortação: “Considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Rm 6.11). Considerar-se morto para o pecado é crer que se é livre do pecado porque a liberdade completa foi comprada na cruz. O reconhecimento deste simples fato trouxe liberdade a muitos cristãos. Estavam livres mas não o sabiam.

O segredo da vitória na vida cristã é entender que se é livre em Cristo, e manter esta posição a despeito de cada assalto de Satanás e de cada tentativa do “velho homem” em reassumir a supremacia de nossas vidas. Confrontados pela ira, inveja, malícia, preconceito ou concupiscência, tomemos posição firme: “Pela cruz do Calvário e de acordo com a declaração de Deus estou morto para com aquilo e livre dele”.

Comentando 1 Pedro 2.24, um escritor ponderou: “Há uma expressão traduzida “morto” ao pecado que não se acha em outro lugar. Literalmente quer dizer “ausente”. Ser “morto para o pecado” faz lembrar o que acontece quando o Correio tem de marcar uma carta cujo destinatário não foi encontrado: “ausente sem deixar endereço”. Quando o antigo mestre, o pecado, vem bater à porta de seu coração, não acha resposta alguma porque você está ausente, você está morto. Agora, há um novo mestre comandando você. Há um novo poder exercendo controle sobre sua vida; um controle tão completo que os antigos laços já não o podem ligar ao velho endereço: “para que nós, mortos ao pecado, vivamos para a justiça”. Este é o bendito fruto da morte de Cristo”.

1. A vida vitoriosa. A cruz é o dínamo que gera no coração humano aquela resposta que constitui a vida cristã. “Viverei por aquele que morreu por mim” bem declara a dinâmica da Cruz. A vida cristã é a reação da alma diante do amor de Cristo.

A cruz de Cristo inspira o verdadeiro arrependimento. O pecado pode ser seguido por remorso, vergonha, e ira; mas somente a tristeza por se ter ofendido a Deus evidencia o verdadeiro arrependimento. Semelhante coisa não pode ser produzida segundo o querer do homem, pois é da própria natureza do pecado obscurecer-lhe a mente e endurecer-lhe o coração. O pecador precisa de um motivo poderoso para o arrependimento, algo que o faça ver e

sentir que o seu ato constitui-se numa ofensa contra Deus. A cruz de Cristo supre aquele motivo, porque demonstra o quanto sofreu o Filho de Deus. A cruz declara a terrível penalidade do pecado, mas também revela o amor e a graça de Deus. Todos os que verdadeiramente se arrependem são filhos da cruz. Mas o arrependimento não é destes; é apenas a reação para com Deus produzida pela demonstração do que o pecado significa para Ele, e o que o seu amor faz para ganhar o pecador”.

No Apocalipse, lemos acerca dos santos que passaram pela grande tribulação, e que “lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro (Ap 7.14). A referência é ao poder santificador de Cristo. Como haviam resistido ao pecado, encontram-se agora puros. Onde obtiveram forças para vencerem o pecado? Do poder constrangedor do amor de Cristo revelado no Calvário.

O poder da cruz ajudava esses santos a vencer o pecado (Gl 2.20). “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12.11). O amor de Cristo os constrangia e os capacitava a vencer. A pressão contra eles era grande, mas com o sangue do Cordeiro como o seu grande motivo, tornaram-se invencíveis. Tendo à sua frente, pelos olhos da fé, a cruz em que Cristo morreria, não podiam trair a sua causa pela covardia e nem por amarem suas vidas mais do que Ele amara a dEle. Tinham de ser dEle, assim como Ele tinha sido deles.

A vida vitoriosa inclui a vitória sobre Satanás. O Novo Testamento declara que Cristo conquistou Satanás para nós (Lc 10.17-20; Jo 12.31,32; 14.30; Cl 2.15; Hb 2.14,15; Ap 12.11). Os cristãos têm a *vitória* sobre o diabo, pois o que venceu o diabo está permanentemente ao seu lado.

A Ressurreição e a Grande Comissão (A Páscoa)

Texto: Marcos 16

Introdução

Se a carreira de Cristo tivesse terminado com a sua crucificação, suas promessas, profecias e o movimento espiritual que iniciara, com esperanças tão brilhantes, teriam acabado juntamente com a sua vida. Todas essas coisas, porém, continuam firmes, inabaláveis, porque Ele está vivo. E foi o túmulo vazio e o Cristo ressurreto que primeiramente persuadiram os discípulos deste fato. A alegre descoberta primeiramente foi feita por um grupo de mulheres fiéis.

I- O Serviço Amoroso (Mc 16.1-3)

1. *A ocasião.* As mulheres visitaram o túmulo no domingo, bem cedo, pouco antes do raiar do sol, e algum tempo após da ressurreição de Cristo.

2. *As mulheres.* Eram da companhia de mulheres devotas que serviam ao Senhor durante o seu ministério.

Assim como o serviram em vida, vieram ministrar-lhe na morte.

3. *Seu propósito.* Vieram embalsamar o corpo do Senhor, que havia sido coberto por um composto feito da goma da árvore de mirra e um pó tirado da madeira de aloés, e embrulhado depois com linho perfumado. Talvez quisessem completar a apressada obra de José de Arimatéia e Nicodemos (Jo 19.39).

O propósito da visita indica que não esperavam notícias de um Cristo ressurreto. Ele de fato falara em ressurgir dentre os mortos, mas a tristeza apagara-lhes da memória estas palavras. A morte, segundo parecia, destruíra as reivindicações e as esperanças delas, mas não o amor que sentiam por Ele. A nação estava contra Jesus, mas isto era mais uma razão para que se apegassem a Ele e lhe prestassem um último serviço de amor. Pode ser que, de acordo com os costumes daqueles dias, viessem também lamentar por Ele.

Todavia o serviço não era mais necessário - Jesus ressuscitara. Nem por isso Ele o repudiava: errado ou mal feito o serviço, Ele jamais diria: “Para que este desperdício?”

4. *O problema.* “Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?” Na Palestina, havia usualmente um modo de atingir o túmulo, que era aberto ao céu. Havia uma entrada baixa no lado da rocha e, num lado do túmulo, havia um recesso para o corpo, cerca de um metro de profundidade, com uma baixa arcada sobre ele. A pedra aqui referida era a que cobria a entrada de onde jazia o corpo. Provavelmente teria dois metros de largura e um de altura. Esta grande pedra tinha sido rolada para baixo por José, a fim de cobrir a entrada do túmulo. As mulheres já haviam visto o tamanho do túmulo na sexta-feira; agora, no caminho, antecipavam a dificuldade.

II - A Surpreendente Descoberta (Mc 16.4,5)

“E, olhando, viram que já a pedra estava revolvida; e era ela muito grande”. Aqui estava o primeiro indício de que algo excepcional acontecera. Às vezes, obstáculos que imaginamos entre nós e Cristo, já estão removidos. Um anjo deslocara a pedra (Mt 28.2), não para que Cristo saísse - porque seu corpo glorificado podia transpor qualquer barreira - mas para permitir a entrada dos primeiros arautos da ressurreição.

“E, entrando no sepulcro, viram um mancebo assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca, e ficaram espantadas”. Aparições de anjos sempre acompanhavam os grandes eventos da história do povo escolhido. Apareceram no nascimento de Cristo, na sua tentação e na sua agonia; agora, guardam seu túmulo, um sinal de que seu sacrifício fora aceito.

III - A Emocionante Mensagem (Mc 16.6-8)

1. A mensagem anunciada. “Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram”. O anjo explicou que era inútil a intenção de embalsamar o corpo, porque Jesus já ressuscitara. Depois, convidou-as a ver a evidência do fato. O que viram? (Jo 20.5-7).

Muitas lápides trazem a inscrição: “Aqui jaz...” Mas o único epitáfio apropriado ao túmulo de Cristo é: “Não está mais aqui”.

2. O mandamento. “Mas ide, dissei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis, como ele vos disse”. A devoção das mulheres recebeu um prêmio; acabaram sendo as primeiras evangelistas das boas novas da ressurreição do Senhor.

“Ele vai adiante de vós”. Estas palavras descrevem o ministério de um pastor (Jo 10.4). O Bom Pastor tinha

sido ferido no Calvário, e as ovelhas, dispersas. Restaurado o pastor, estava pronto a reunir e confirmar suas ovelhas.

“E a Pedro”. Por que uma mensagem especial a Pedro? Ele estava envergonhado por ter negado a Cristo, e por certo achava-se indigno de ser considerado um dos discípulos. Não teria ousado comparecer com os demais, não fosse o seu nome especialmente mencionado.

Por que o encontro na Galiléia? Ali os grandes milagres de Cristo foram operados; os apóstolos tinham morado naquela região, e seria mais seguro para eles encontrar-se lá do que em Jerusalém.

3. *A obediência.* Voltaram para casa com um misto de medo e alegria. Talvez pensassem que a notícia era boa demais para ser verdadeira. Imediatamente passaram a mensagem aos discípulos (Lc 24.9-11, 22-24).

IV - A Estranha Descrença (Mc 16.9-13)

O texto revela que os apóstolos se recusaram a acreditar na ressurreição de Jesus.

1. *A explicação da descrença.* A tristeza e a decepção pode explicar sua incredulidade. Estavam prostrados com a vergonhosa morte do Mestre. Não que se recusassem a crer; estavam atordoados pela tristeza e cegos pela angústia.

Por um breve tempo, a cruz destruíra sua fé na realeza de Cristo. Aguardavam uma gloriosa vitória e não aquela morte vergonhosa; aguardavam um rei entronizado, não um cadáver lacerado; esperavam os “vivas” das multidões, não a zombaria dos escarnecedores; estavam certos de que o seu Mestre julgaria os líderes judaicos ao invés de ser por eles julgado.

Não foi a descrença resultado de falta de estima pelo Mestre. Eram leais à sua memória, jamais acreditando que tivesse sido um impostor. Apegavam-se ainda ao

Mestre perdido. Ficaram juntos, como uma família enlutada, as cortinas fechadas e as portas trancadas contra os judeus, identificando-se com o Crucificado temendo, como amigos dEle, a má-vontade do mundo descrente.

2. *A descrença indesculpável.* Descontados a fraqueza e o desânimo dos discípulos, não podem eles ser desculpados. Sua culpa deles confirma-se à repreensão do próprio Jesus. Repetidas vezes dissera-lhes o Mestre que ressurgiria dentre os mortos.

3. *A lição da sua descrença.* A incredulidade dos discípulos torna-se em alicerce para a nossa fé, porque sabemos que os apóstolos não teriam crido e pregado a ressurreição de Jesus sem evidências convincentes. Viram-no com seus próprios olhos, tocaram-no e ouviram a sua voz.

V - Ensinaamentos Práticos

1. *Se Cristo não ressurgisse.* A primeira manhã da Páscoa teria sido apenas mais uma manhã. Os soldados romanos teriam visto um grupo de mulheres se aproximando. Removida a pedra, achariam elas lá dentro um corpo deitado, duro e sem movimento. Desembrulhariam os lençóis de linho, olhando com dó as terríveis feridas. Lavado e untado o corpo, dariam uma última olhada no rosto, recolocando depois os lençóis com as especiarias, e voltariam para casa. Maria jamais teria voltado a Nazaré, e nunca mais se ouviria falar dela. Pedro, André, Tiago e João teriam voltado à pesca, terminando as suas vidas obscuras às margens do mar da Galiléia. Mateus, ao invés de escrever um evangelho, voltaria a cobrar impostos. Saulo de Tarso, ao invés de pregar o Cristianismo, teria se regozijado com o fim da seita dos nazarenos. Na Europa, não haveria Igreja, apenas o cancro do paganismo. Não teriam ocorrido os reavivamentos espirituais que levaram milhares a Deus e à retidão. Talvez uma onda de budismo

ou, mais tarde, o islamismo engolfasse a Europa, legando-lhe o atraso que vemos em muitos países orientais.

A sociedade seria algo terrível, e o aspecto mais horripilante, a hora da morte. Um agnóstico francês escreveu: “Para mim a realidade é horrorosa. Todos estamos nos encaminhando para a morte. Estamos a dançar num navio que se está afundando. O otimismo de qualquer tipo é ridículo”. E assim o mundo se sentiria não fosse a ressurreição. Somente para os seguidores de Cristo pode haver otimismo. Nós, que vamos morrer, sabemos que também vamos ressuscitar. A realidade já não é horrorosa. Não estamos dançando num navio que afunda. Jesus ressuscitou da morte, e estamos avançando em direção à vida eterna.

2. *A certeza da imortalidade.* A crença na vida futura é razoável para aqueles que crêem num Deus que fez o universo de acordo com um plano inteligente. Cada coisa criada tem uma língua que proclama a ressurreição. O bugalho tocado com o poder divino, pode escapar à sua prisão, e produzir um carvalho; como, pois, seria negligenciada a alma do homem, feita à imagem do Criador?

Se Deus dá à roseira, cujas pétalas murchas flutuam na brisa, a doce certeza de outra primavera, como reteria as palavras de esperança dos filhos dos homens, quando vêm as geadas do inverno?

Se a matéria, muda e inanimada, embora transformada pela força da natureza numa multidão de formas, não pode morrer, como sofreria o glorioso espírito do homem aniquilação após um breve período, como hóspede real, na sua moradia de barro? Creiamos, ao contrário, que aquEle cuja grande generosidade não desperdiça a gota de chuva, a folha de grama ou a brisa da tarde, mas faz com que todos cooperem com seus planos, já deu imortalidade ao que é mortal!

Raciocinamos que exista vida futura; sentimos que deve ser assim e ansiamos por esta vida. Precisamos, porém, algo de definido para corroborar nosso argumento. E o temos: a ressurreição de Jesus Cristo. “Porque ele vive, nós também viveremos”.

Antes de Colombo descobrir a América, as moedas espanholas tinham a inscrição: *Ne plus ultra* - “nada além”. Comprovada a existência de um novo continente, a inscrição foi mudada para *Plus ultra* - “há mais além”. Até os dias de Jesus, o mundo tinha apenas as noções de imortalidade apresentadas nas manifestações da natureza, nos anseios do coração humano e nos argumentos dos filósofos. A ressurreição de Cristo foi a prova sobrenatural da vida além-túmulo.

3. *O Poder da Ressurreição.* A ressurreição de Jesus Cristo não é apenas um fato histórico de quase 19 séculos; é um fato espiritual com poder transformador, eficaz sobre as nossas vidas, hoje.

A ressurreição de Cristo ergue-nos da sepultura do pecado para a vida de retidão. Isto é simbolizado pelo batismo na água. A partir daquela primeira manhã de Páscoa, multidões de “mortos em seus delitos e pecados” têm sido despertados a uma vida nova mediante o Cristo vivo. “Era morto, mas agora vivo”, é o testemunho deles.

A ressurreição de Cristo ergue-nos da sepultura da dúvida para a vida de fé. Lembre-se como a incerteza de Maria foi transformada em certeza absoluta (Jo 20.11-18), e como a descrença de Tomé transformou-se em adoração (Jo 20.26-28). Cristo ainda vive, e revela-se àqueles que o buscam.

A ressurreição de Cristo ergue-nos da sepultura dos sofrimentos para a vida de paz. “A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória” (2 Co 4.17). A esperança do porvir é fonte de força e consolo para os crentes que agora sofrem. E, se usarmos a

palavra “esperança” no sentido bíblico de evento assegurado por Deus, esperamos algo certo. Diferente da esperança popular, que significa desejar algo - que pode ou não acontecer.

A ressurreição de Cristo ergue-nos da sepultura da morte para a vida eterna. O Senhor Jesus santificou a sepultura de tal maneira, que fez dela um leito de esperança para aqueles unidos a Ele, porque, na manhã da ressurreição, seus corpos glorificados unir-se-ão às suas almas redimidas. Todos os cristãos têm a vida eterna, agora; na ressurreição, possuirão a imortalidade, ou seja, não mais estarão sujeitos à morte.

4. *Temores infundados.* “Quem nos revolverá a pedra?” As mulheres estavam preocupadas com uma dificuldade ainda não confrontada. É crédito para elas terem avançado a despeito do imaginado obstáculo.

Às vezes preocupamo-nos com dificuldades, que até nos desviam do caminho do dever; quando isto acontece, é porque não estamos contando com a ajuda de Cristo (as mulheres o imaginavam !) e porque só pensamos em termos da nossa própria força e capacidade. Mas, como no caso dessas mulheres, não é raro descobrirmos as dificuldades já solucionadas por Deus.

As mais duras provas que enfrentamos são aquelas que nunca acontecem!

5. *O amor triunfa sobre o pecado.* “Dizei aos seus discípulos, e a *Pedro*”.

As palavras vieram como bálsamo para o coração ferido de Pedro. Sua coragem esgotara-se com a ferida produzida pela língua da servente, e ele negara ao seu Senhor. Grande era a angústia do seu coração ao relembrar os eventos daquela horrível noite, pois amava o Mestre intensamente. Aquela mensagem pessoal despertou-lhe nova esperança e prometeu-lhe nova oportunidade para

comprovar sua lealdade a Cristo. Assim Pedro entendeu que o Senhor Jesus lhe estava oferecendo perdão e reconciliação.

Pedro aprendeu outra lição: a morte e ressurreição tinham alterado o Mestre. Quando os discípulos ouviram que o Mestre ressuscitara, deviam ter-se perguntado se era o mesmo Jesus que conheciam. Sua mensagem deu-lhes certeza quanto a isso. E, quando lhes apareceu, aprenderam que seu amor vencera a morte. Lemos nos evangelhos que Jesus era gentil e manso. Também assim hoje, na presença de Deus. A mão que segura o cetro do universo é a mesma que foi pregada à cruz e que se estendeu a Pedro quando este estava prestes a afundar-se no mar. O amor continua a fluir de Cristo.

Pedro descobriu que o amor de Cristo não fora desviado dele por ter negado o Mestre. Provavelmente imaginava rompidos os laços entre ele e Cristo, e que não mais era um discípulo. Aprendeu, porém, que um grande amor, cuja origem não fora a sua fidelidade, não era afetado por sua infidelidade. E o mesmo amor o conclamava a arrepender-se e voltar. Esta é a mensagem àqueles que fracassaram diante de Deus em algum aspecto específico e são atormentados pelo pensamento de que o Senhor os deixou. Ele é sempre o mesmo, e o arrependido verá que o Senhor o espera no local onde seus caminhos se separaram: “Tornai vós para mim, e eu tornarei para vós” (Mt 3.7).

Cristo enviou uma mensagem especial por causa de um pecado especial, mencionando o nome do discípulo. Assim aprendemos que Deus trata com indivíduos, e que suas promessas de perdão e graça devem ser considerados pessoais. Ele chama as suas ovelhas pelo nome.

Depois desta mensagem houve um reunião não descrita em detalhes, mas referida em Lucas 24.34 e 1 Coríntios 15.5. Na ocasião, Pedro buscou e achou o perdão do

Senhor. A ligação de amor que atava Pedro ao seu Senhor foi consertada no ponto onde quebrara, e tornou-se ainda mais forte.

SÉRIE
*Comentário
Bíblico*

MARCOS

O Evangelho do Grande Rei

MYER PEARLMAN

Neste comentário, você verá por que Marcos foi inspirado a escrever o seu Evangelho. Entre outras coisas, ele visava:

Mostrar Cristo aos romanos

Apresentar o Senhor Jesus como Servo de Jeová

Ensinar que Ele não veio para ser servido, mas para servir

Conduzir à obediência completa do evangelho

Embora endereçado inicialmente aos romanos, ninguém pode contestar a universalidade de Marcos. É o que você aprende com Myer Pearlman.

Em seu Evangelho, Marcos ainda mostra o Filho de Deus como um homem de ação. Neste comentário, Pearlman ressalta por que este Evangelho alcançou todos os seus objetivos. Lendo-o, você se conscientizará de duas coisas muito importantes: Cristo, sendo Senhor, fez-se Servo por amor a nós e, como filhos de Deus, temos de, em tudo, reconhecer-lhe a soberania.

O Autor

Oriundo de uma família israelita, o pastor Myer Pearlman tornou-se consagrado teólogo pentecostal.

Foi professor no Central Bible College.

Seus livros já formaram gerações de obreiros e crentes.

ISBN 852630020-2



9 788526 300200